



Sara Patrícia Reis Jorge

Nº 21312

**A construção do sentimento de insegurança de crianças em idade escolar**

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Olga Furriel Souza Cruz

Instituto Universitário da Maia

julho, 2014

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Professora Doutora Olga Souza Cruz, por quem tenho muita admiração e respeito. Agradeço, desde logo, pelos conhecimentos que ao longo do meu percurso académico me tem transmitido. Obrigada pelo apoio, motivação, dedicação e disponibilidade incondicionais.

À Doutora Helena Grangeia pela colaboração em vários momentos da realização deste estudo.

Aos participantes deste estudo, por partilharem as suas perceções e por permitirem a realização deste trabalho.

Aos meus pais e irmão pela confiança e apoio.

Ao Luís, pelo apoio, suporte e companheirismo incondicionais.

Um agradecimento especial à Dr.<sup>a</sup> Rosa e a todos os colaboradores da biblioteca.

A todos os meus amigos que me ajudaram neste período da minha vida em especial à Sandra Ferreira, Mariza Azevedo, Flávia Almeida e Daniela Ferreira.

### Resumo

Nesta dissertação apresenta-se um estudo de natureza qualitativa, cujo objetivo central é compreender quais são e de que modo são construídos os sentimentos de insegurança de crianças de idade escolar e de meio urbano. Em termos de objetivos específicos pretende-se compreender, a partir da perspectiva das próprias crianças, o que é que estas identificam como principais figuras, contextos e situações associadas à segurança e à insegurança, bem como quais as principais medidas para reduzir a insegurança. Para a recolha de dados utilizou-se a entrevista *focus group*. Realizaram-se dois grupos focais, ambos com crianças com idades compreendidas entre os sete e os oito anos.

Quanto aos principais resultados obtidos verifica-se que para estas crianças o sentimento de insegurança está associado à perceção de vulnerabilidade. De acordo com os resultados, estas demonstram que o sentimento de insegurança se manifesta através de três componentes, a emocional que é o medo do crime, a cognitiva que é a perceção do risco e a comportamental que se expressa através da adoção de medidas de segurança.

Em conclusão, este trabalho sugere que o sentimento de insegurança é um fenómeno bastante complexo, dizendo respeito não só ao medo da vitimação criminal e de situações de ferimentos mas também às vulnerabilidades económicas e sociais.

**Palavras-chave:** Sentimento de insegurança; medo do crime; perceção de risco; infância.

## The construction of the insecurity feelings in school children age

### **Abstract**

This dissertation presents a qualitative nature study, whose main objective is to understand what the feelings of insecurity in school children age are and how they are constructed. In terms of specific objectives, we intend to understand, from the perspective of the children themselves, what they identify as leading figures, contexts and situations related to security and insecurity, as well as what the key measures to reduce insecurity. For data collection we used the focus group interview. There were two focus groups with children aged seven and eight years old in both.

Concerning the main results obtained it appears that in the perception of these school children the insecurity feeling associates with the perception of vulnerability. According to the results, they show that the feeling of insecurity is manifested through three components, which is the emotional fear of crime, the cognitive perception of risk and the behavior that is expressed through the adoption of safety measures.

In conclusion, this study suggests that the insecurity feeling is a complex phenomenon as it concerns not only the fear of criminal victimization and injury situations but also the economic and social vulnerabilities.

**Keywords:** Feelings of insecurity; fear of crime; risk perception; childhood.

## Índice

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Índice de tabelas .....	VII
Índice de figuras.....	VIII
Introdução.....	1

### Parte I: Enquadramento teórico

O medo como emoção.....	3
O medo e as crianças.....	5
O medo do crime	
Medo do crime e sentimento de insegurança.....	9
Nível do crime e sentimento de insegurança.....	11
Razões para o desfasamento entre o nível de crime e o sentimento de insegurança....	13

### Parte II: Estudo empírico

Objetivos e questão de investigação.....	16
Método	
<i>Design</i> de investigação.....	17
Amostra.....	17
Instrumento.....	18

Técnica de análise de dados.....	19
Procedimentos.....	19
<b>Parte III: Apresentação dos resultados.....</b>	<b>21</b>
<b>Parte IV: Discussão dos resultados e conclusão.....</b>	<b>33</b>
Limitações do estudo e pistas para futuras investigações.....	39
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>41</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>45</b>
Anexo 1: Declaração de consentimento informado.....	46
Anexo 2: Guião de entrevista <i>focus group</i> .....	48
Anexo 3: Fases do desenvolvimento do esquema temático.....	51
Anexo 4: Imagens apresentadas para questionamento nos dois grupos de discussão.....	56
Anexo 5: “Cidade segura” elaborada pelos dois grupos de discussão.....	59

## **Índice de tabelas**

Tabela 1. Percepções das crianças relativamente à segurança.....	22
Tabela 2. Percepções das crianças relativamente à insegurança.....	26
Tabela 3. Situações de ambivalência apresentadas pelas crianças.....	30

## **Índice de figuras**

Figura1. Esquema temático final relativo à segurança.....	34
Figura 2. Esquema temático final relativo à insegurança.....	36

## Introdução

A presente dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia da Justiça, debruça-se sobre o medo e o sentimento de insegurança das crianças em idade escolar, concretamente na faixa etária dos sete e oito anos. A escolha deste objeto de estudo assume especial importância pela escassez de conhecimento e literatura científica a este nível.

Assim, o objetivo central que orientou o decorrer deste estudo foi compreender quais são e de que modo são construídos os sentimentos de insegurança de crianças de idade escolar e de meio urbano. Em termos de objetivos específicos pretende-se compreender, a partir da perspectiva das próprias crianças, o que é que estas identificam como principais figuras, contextos e situações associadas à segurança e à insegurança, bem como quais as principais medidas para reduzir a insegurança. Este estudo é de natureza qualitativa uma vez que se pretende descrever um fenómeno pouco estudado a partir da perspectiva dos/as participantes.

O instrumento utilizado nesta investigação foi a entrevista *focus group*. Foi constituído, especificamente para este estudo, um guião que se divide em quatro partes, incluindo questões e atividades em grupo. Os tópicos centrais explorados foram: (i) os conceitos de segurança e insegurança; (ii) os contextos seguros e inseguros; (iii) as figuras percebidas como seguras e inseguras, e (iv) as medidas fundamentais para aumentar o sentimento de segurança. É de salientar que o guião foi constituído em função dos objetivos que queríamos explorar.

Esta dissertação é constituída por quatro partes, sendo a primeira dedicada ao enquadramento teórico sobre o fenómeno em estudo.

A este nível, começa por se abordar a questão do medo enquanto emoção e no segundo capítulo teórico reúnem-se vários estudos científicos a respeito dos medos das crianças. No terceiro capítulo teórico exploram-se as principais conceções acerca do medo do crime e do sentimento de insegurança (expressões que na literatura aparecem muitas vezes associadas), e analisam-se as principais razões para o desfasamento entre os níveis de crime e o sentimento de insegurança.

Depois de percorrer o estado da arte a respeito deste fenómeno, a segunda parte desta investigação é dedicada ao estudo empírico realizado, sendo apresentado o *design* de investigação, a amostra recolhida, o instrumento utilizado, a técnica de recolha de dados e os procedimentos levados a cabo.

Seguidamente, na terceira parte, começamos por descrever os dados obtidos com as entrevistas realizadas aos dois grupos de crianças, incluindo extratos exemplificativos retirados das transcrições das entrevistas, de modo a ser possível compreender melhor as perceções dos/as participantes.

Por fim, a quarta parte desta dissertação é dedicada à discussão dos resultados e à conclusão do presente estudo. Pretende-se identificar as principais aprendizagens que esta investigação proporcionou e confrontá-las com a literatura da área. De seguida refletimos sobre as limitações centrais que reconhecemos no nosso trabalho e terminamos sinalizando pistas que acreditamos serem pertinentes explorar em futuras investigações.

## **Parte I: Enquadramento teórico**

### **O Medo como emoção**

Quando se fala de medo importa, antes de mais, entender que se trata de uma emoção primária, que tem como função alertar e proteger o indivíduo de prováveis ameaças à sua segurança e bem-estar (Damásio, 2013; Watson, como citado em Jesuíno, Joyce-Moniz, & Pereira, 1979).

Damásio (2013) define as emoções como “padrões de resposta complexos e estereotipados que incluem emoções secundárias, primárias e de fundo” (p.77). Para este autor, as emoções primárias são a alegria, a tristeza, o medo, a cólera, a surpresa e a aversão. As emoções secundárias ou sociais correspondem à vergonha, ao ciúme, à culpa ou ao orgulho e as emoções de fundo dizem respeito ao bem-estar ou mal-estar, à calma ou à tensão.

Apesar da aprendizagem e da cultura dos indivíduos modificarem a manifestação das emoções e lhes concederem novos significados, estas são sistemas biologicamente estabelecidos (Damásio, 2013).

Segundo Atkinson, Atkinson, Smith, Bem e Nolen-Hoeksema (2002), o desenvolvimento de uma emoção envolve a interação conjunta de cinco componentes: o primeiro refere-se às sensações associadas a uma emoção; o segundo diz respeito a reações corporais inerentes a determinada emoção; o terceiro refere-se à expressão facial associada a cada estado emocional; o quarto prende-se com as reações dos indivíduos às emoções; e o quinto refere-se ao comportamento que os indivíduos apresentam após experienciar uma emoção.

Pode, então, considerar-se que “as emoções são condições complexas que surgem em resposta a determinadas experiências de carácter afetivo” (Atkinson et al, 2002, p.411). Genericamente, pode afirmar-se que todos os seres humanos têm emoções (independentemente do seu sexo, idade, cultura, grau de instrução, nível socioeconómico, entre outros) e que o Homem orienta a sua vida em termos da procura de emoções agradáveis e do evitamento das desprazerosas (Damásio, 2013). Neste sentido, o estudo das emoções afigura-se essencial para a compreensão do comportamento humano (Roazzi, Federicci & Carvalho, 2002).

Em concreto no que respeita ao medo, este é frequentemente definido como uma resposta emocional do indivíduo perante uma perceção de ameaça, que pode ser real ou imaginária (Ainsworth, 1981, como citado em Roazzi et al, 2002). Esta emoção natural pode manifestar-se através de pensamentos, de emoções, de respostas fisiológicas e comportamentais. Através do pensamento ocorre a interpretação da situação, já a nível das emoções o indivíduo pode sentir tensão, apreensão ou desconforto. Relativamente às respostas fisiológicas surge uma ativação do sistema nervoso de modo a preparar o indivíduo para reagir ao estímulo e no que concerne às respostas comportamentais a reação do sujeito pode ser de evitamento, fuga, agressividade ou bloqueamento.

Além de ser uma emoção primária, o medo é frequentemente caracterizado como a emoção negativa mais comum nos indivíduos e como um elemento importante na construção da sua personalidade e na determinação das suas ações, dada a influência que exerce sobre estas (Roazzi et al., 2002).

A amígdala é a componente do sistema límbico responsável pelas emoções primárias, sendo que os indivíduos com lesões nesta área revelam uma diminuição na sua afetividade (Damásio, 2011), podendo inclusive deixar de ser capazes de sentir medo (Gao, Raine, Venables, Dawson, & Mednick, 2010). Num estudo desenvolvido, por Gao e colaboradores (2010), com crianças de três anos que possuíam lesões na amígdala concluiu-se que, por essa razão, as crianças não apresentavam medos e que passados vinte anos algumas se tornavam criminosas.

Numa perspetiva biológica, Damásio (2011) defende que os seres humanos estão programados a reagir de modo inato quando determinados estímulos internos ou externos (e.g., ruídos) são detetados pela amígdala. Alguns desses estímulos quando são recebidos pela amígdala desencadeiam reações no corpo e no cérebro próprias da emoção de medo (Damásio, 2011). Os impulsos da amígdala são transmitidos ao sistema nervoso autónomo e este prepara o corpo para produzir energia através do sistema simpático ou para restituir a energia através do sistema parassimpático (Atkinson et al. 2002). A generalidade das alterações corporais desencadeadas pela emoção medo resulta da ativação do sistema simpático, e inclui a aceleração da respiração, o aumento da frequência cardíaca, a secura na boca, os tremores e o desconforto no estômago (Atkinson et al. 2002).

Porém, o medo não provém apenas destas disposições primárias mas também pode ser desenvolvido através de experiências pessoais ao longo da vida (Damásio, 2011). Assim, esta

vivência do medo não é exatamente igual em todos os indivíduos (Damásio, 2011), variando em função de diversos elementos como a idade, o gênero, a classe social e econômica, o nível desenvolvimental e cognitivo, entre outros elementos de caráter individual ou coletivo (Roazzi et al., 2002).

Além do processo biológico de vivência de uma emoção, o ser humano tem a capacidade de se consciencializar em relação ao objeto que causou aquela emoção (Damásio, 2011). A percepção e o conhecimento do estímulo permitem ao indivíduo garantir a sua proteção em relação a ele (Damásio, 2011). Desta forma, o ser humano pode reagir ao medo através de duas formas, de modo pré-organizado que é involuntário, ou de modo consciente e cauteloso, antecipando a sua presença e reagindo com o conhecimento da situação (Damásio, 2011).

É, então, consensual que esta emoção de medo se afigura fundamental na vivência humana pois, se por um lado funciona como mecanismo de alerta em situações perigosas, por outro é um mecanismo de defesa permitindo garantir a proteção dos sujeitos nestas situações (cf. Roazzi et al., 2002).

### **O medo e as crianças**

Para uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento emocional da criança é necessário analisar os medos tipicamente experienciados na infância (Burnham & Gullone, 1997). O estado emocional no ser humano tem início aos três meses de idade e consolida-se aos seis, sendo que antes deste tempo apenas é possível observar uma impulsividade motora (Wallon, 1950, como citado em Jesuíno, Joyce-Moniz, & Pereira, 1979).

Mandler (1983, como citado em Roazzi et al., 2002) enfatiza que as emoções na infância são desenvolvidas através de eventos de índole cognitiva e visceral, de questões culturais e através de fatores inatos ou aprendidos.

Os medos são emoções comuns na infância e na adolescência, que fazem parte de um desenvolvimento normativo (Burnham & Gullone, 1997). Eles são universais e interculturais e constituem-se como respostas aos perigos que coloquem em causa a sobrevivência do homem (Sampaio, Martins, & Oliveira, 2007).

O medo também é importante no desenvolvimento da criança uma vez que lhe permite adaptar-se às circunstâncias da vida (Burnham & Gullone, 1997), promovendo a sua autonomia e desenvolvimento emocional.

Os medos das crianças alteram-se no seu teor e na sua intensidade durante o seu percurso de vida até à fase adulta (Burnham & Gullone, 1997).

Morris e Kratochwil (1983, como citado em Papalia, Olds, & Feldman, 2008) desenvolveram um estudo acerca dos medos típicos na infância, de acordo com as várias faixas etárias. Este estudo revela que as crianças dos zero aos seis meses apresentam como medos mais frequentes a perda de apoio e de ruídos altos. Relativamente à faixa etária dos sete meses até aos doze meses os bebés começam a manifestar medo de estranhos, de alturas e de movimentos repentinos. As crianças com um ano de idade expressam como medos mais comuns a separação dos pais, de ferimentos e de estranhos. Já com dois anos, a criança apresenta medo de ruídos altos, de animais, de quartos escuros, da separação dos pais, de objetos de grande dimensão e de estranhos. No que concerne à faixa etária dos três anos de idade os medos demonstrados pelas crianças são as máscaras, a escuridão, os animais e a separação dos pais. Quanto aos medos típicos das crianças de quatro anos de idade estes são a separação dos pais, os animais, a escuridão e os ruídos. Este estudo demonstra também que é a partir dos cinco anos de idade que as crianças assinalam como medos mais frequentes a separação dos pais, os animais, a escuridão, as lesões corporais e as pessoas más. Aos seis anos as crianças mencionam como medos mais frequentes os que se relacionam com seres sobrenaturais, com ferimentos corporais, com a escuridão, com a separação dos pais, com trovões e com ficar sozinho/a. Consecutivamente dos sete aos oito anos as crianças já manifestam também medo de eventos divulgados pelos órgãos de comunicação social (e.g., relatos sobre ameaça de guerra nuclear ou sequestro de crianças), o medo da escuridão e dos seres sobrenaturais. A partir dos nove anos de idade as crianças expressam como medos mais comuns os testes na escola, o desempenho escolar, a escuridão, os trovões e raios, os ferimentos corporais e o medo da morte.

Como se pode verificar, as crianças mais novas manifestam medos mais irrealistas que provêm da fantasia e da sua tendência a confundir a realidade (Papalia et al., 2008). Estas têm mais medo do ‘bicho papão’ do que de um evento que poderia provocar graves danos (Papalia et al., 2008). Por outro lado, nas crianças mais velhas os medos são mais realistas e auto-avaliativos (Papalia et al., 2008). Provêm da sua experiência pessoal ou da experiência das

outras pessoas e resultam da possibilidade de perigo (Papalia et al., 2008). Apesar de os medos surgirem em alturas específicas do desenvolvimento humano, a sua frequência e intensidade varia de criança para criança, sendo o temperamento da criança, o temperamento dos seus pais ou de pessoas próximas e o contexto onde esta está inserida fatores que contribuem para esta variação.

Um estudo realizado, por Wolman (1978, como citado em Tippey & Burnham, 2009), sobre os medos típicos das crianças sobredotadas revela que estas têm medos mais conscientes do que as crianças que não o são, além de apresentarem menos medos do que estas. Como fatores que explicam tais diferenças, este autor identificou a inteligência, a motivação, a maturidade e a influência genética.

Num outro estudo, realizado com crianças entre os seis e os dez anos de idade que habitam numa favela do Rio de Janeiro, constatou-se que estas identificam a polícia como figura de medo central da sociedade (França, 2010). Nesta favela, situações de terror, invasões, tiroteios e violência familiar, são cenários a que estas crianças estão constantemente expostas, contribuindo para a construção de uma imagem negativa e de medo em relação à polícia (França, 2010).

Relativamente aos medos nas crianças também se encontram diferenças de género. Segundo Gullone e King (1993, como citado em Tippey & Burnham, 2009) as raparigas possuem mais medos e em maior intensidade do que os rapazes. No entanto, os rapazes tendem a esconder os seus medos enquanto as raparigas são mais verdadeiras a expressarem os seus receios (Tippey & Burnham, 2009). Dos medos mais frequentes revelados pelas raparigas constam o rapto, o roubo e a morte, e os rapazes destacam as ofensas corporais (cf. Tippey & Burnham, 2009).

Igualmente de realçar é que, na literatura especializada, as crianças economicamente mais desfavorecidas são apresentadas como as que experienciam mais medos e com mais frequência e intensidade, dada a sua perceção do meio como mais inseguro e hostil (cf. Tippey & Burnham, 2009). Paralelamente, os medos mais frequentes mencionados por estas crianças são a morte, as pessoas estranhas e a violência, além de identificarem a polícia como figura de medo central (Tippey & Burnham, 2009).

Outros investigadores, interessados em compreender a moralidade nas crianças, têm-se focado no estudo das emoções que estas atribuem a alguém que cometeu uma infração,

através do padrão do/a vitimizador/a feliz e do/a vitimizador/a infeliz (Ferreira, Amorim, Patrício, Santos, & Venâncio, 2007). O/a vitimizador/a feliz representa a atribuição de emoções positivas aos/às infratores/as, ou seja, o julgamento de que o/a infrator/a se sente bem após um ato de vitimação. O/a vitimizador/a infeliz representa as emoções negativas atribuídas ao/à transgressor/a por parte das crianças, julgando que este/a se sente mal após cometer uma infração (Keller, Lourenço, Malta, & Saalbach, 2003; Lourenço, 2000, como citado em Ferreira et al., 2007). Estes estudos permitem compreender melhor, através do ponto de vista moral, o que as crianças acham correto ou não, embora subsistam alguns resultados contraditórios (Ferreira et al., 2007). Alguns destes estudos indicam que existe um padrão evolutivo de atribuição de emoções a estes indivíduos, sendo que as crianças dos 4 aos 6 anos tendem a conferir emoções positivas aos/às infratores/as, baseadas nos ganhos obtidos por estes/as, enquanto as crianças entre os 8 e os 9 anos tendem a conferir-lhes emoções negativas, dirigidas pelas questões morais (cf. Ferreira et al., 2007). Outros trabalhos contrariam estes resultados ao revelar que as crianças dos 9 aos 10 anos ainda atribuem emoções positivas aos/às transgressores/as e que crianças mais novas já lhes atribuem emoções negativas (cf. Ferreira et al., 2007). Paralelamente, há outras pesquisas que demonstram que a atribuição de emoções positivas a estes indivíduos pode persistir na idade adulta (Murgatroyd & Robinson, 1997, como citado em Ferreira et al., 2007). Determinadas investigações revelam ainda a existência de um padrão de atribuição de emoções ambivalentes, em que a criança espera que o/a infrator/a tenha emoções negativas e positivas após cometer a transgressão (Arsénio & Kramer, 1992, como citado em Ferreira et al., 2007). Mais consensual entre os diferentes estudos é a conclusão de que a atribuição de emoções positivas ou negativas a um/uma infrator/a está relacionado com o tipo de infração cometida (cf. Ferreira et al., 2007).

Na literatura da área encontram-se também outras investigações, nas quais se solicitava às crianças que se colocassem no lugar do/a transgressor/a e identificassem as emoções que sentiriam se tivessem cometido determinada infração (cf. Ferreira et al., 2007). De acordo com Lourenço (1998, como citado em Ferreira et al., 2007), a atribuição de emoções positivas a si próprio, colocando-se no lugar do/a infrator/a após cometer uma infração, diminuem claramente nas crianças mais novas, já nas crianças mais velhas esta situação é mais evidente. Seguindo o mesmo procedimento, Keller e colaboradores (2003, como citado em Ferreira et al., 2007) realizaram um estudo com crianças alemãs e portuguesas com idades compreendidas entre os cinco-seis anos e oito-nove anos. Estes

autores concluíram que a atribuição de emoções negativas ao/à infrator/a era muito mais elevada quando as crianças se colocavam no lugar do mesmo. No entanto, tal como Lourenço (1998, como citado em Ferreira et al., 2007) concluiu, esta diferença revela-se muito mais notória nas crianças mais velhas, sendo proposto que estas têm mais capacidade para se distinguirem do/a presumível infrator/a e da sua transgressão.

Como se referiu anteriormente, estes resultados ainda se revelam muito contraditórios, o que demonstra que o conhecimento das emoções morais na infância ainda é parco e que a atribuição de emoções a um/uma transgressor/a por parte da criança é uma realidade muito complexa.

## **O medo do crime**

### **Medo do crime e sentimento de insegurança**

A revisão da literatura especializada permite perceber que os conceitos de sentimento de insegurança e de medo do crime são não raras vezes utilizados como sinónimos e de forma indiscriminada, embora alguns autores considerem que os mesmos não são equivalentes (cf. Lab, 2013).

De acordo com alguns autores, o sentimento de insegurança é constituído por três elementos: o medo do crime, que representa uma componente emocional; a perceção do risco, que representa uma componente cognitiva; e a reação do indivíduo face à situação de perigo, que pode ser de evitamento, proteção, ou autodefesa, e que representa uma componente comportamental (cf. Guedes, 2012).

No que respeita ao medo do crime, são vários os autores que o associam somente a uma dimensão emocional. De acordo com Ferraro (1995, como citado em Lab, 2013), o medo do crime é uma reação emocional que advém do crime ou de símbolos que os indivíduos lhe associem. Ainda a este propósito, Ferraro e Lagrange (1988, como citado em Lab, 2013) realizaram uma classificação com o intuito de distinguir os conceitos de medo do crime e de perceção do risco. Segundo estes autores, o medo do crime é uma emoção, desenvolvida a partir da vitimação pessoal e/ou das vitimações dos outros, enquanto a perceção do risco é uma avaliação cognitiva da situação de perigo, que inclui o risco pelos outros e por si próprio.

No presente estudo, para nos mantermos fiéis às ideias dos autores citados, optámos por respeitar as expressões (medo do crime ou sentimento de insegurança) que os próprios utilizam. Importa acrescentar que, no que diz respeito às crianças, não nos foi possível encontrar nenhum estudo que relacione o sentimento de insegurança com a infância, encontrando-se somente trabalhos acerca dos medos desenvolvimentais das crianças.

O sentimento de insegurança emergiu como fenómeno de inquietação social a nível internacional na década de 60 (Lab, 2013) e em Portugal na década de 90 (Machado, 2004). Desde então, este objeto de estudo está presente nas discussões políticas, nos órgãos de comunicação social (Fernandes, 2004), nos estudos académicos (Machado, 2004) e nas investigações da comunidade científica (Fernandes & Rêgo, 2011). Ao longo da década de 90, no âmbito das ciências sociais e humanas e particularmente em Portugal, assistiu-se à evolução do conceito de medo à cidade para o de sentimento de insegurança, tornando-se este último no novo objeto de estudo científico (Fernandes & Rêgo, 2011).

De acordo com Agra e Kuhn (2010) o fenómeno da (in) segurança compreende duas dimensões, a insegurança objetiva e a insegurança subjetiva. A primeira constitui-se pelo crime, a vitimação e os comportamentos desviantes (Agra & Kuhn, 2010), tais como, a violência, a delinquência juvenil, as desordens urbanas, o vandalismo e as incivildades (Agra, 2007). A insegurança subjetiva diz respeito à perceção dos perigos que os indivíduos elaboram do seu meio (Guedes, Cardoso, & Agra, 2012), apresentando-se através do sentimento de insegurança a preocupação com o crime e o medo do crime (Agra & Kuhn, 2010).

Para Dias (2001) o sentimento de insegurança deriva da perceção que o indivíduo elabora sobre o meio em que está inserido como sendo de “inquietação, ameaça, perturbação, ansiedade, desconfiança e angústia” (p. 24). Por outro lado, Roché (1994) assenta na ideia de que este fenómeno resulta da fragilidade da organização social das sociedades desenvolvidas.

Para alguns autores, o sentimento de insegurança está associado ao medo à cidade (Fernandes & Carvalho, 2000). Fernandes e Carvalho (2000) defendem que determinados lugares na cidade são considerados perigosos e que, por esta razão, o sentimento de insegurança está relacionado com o medo do crime na cidade. Deste modo, o sentimento de insegurança remete para a insegurança urbana, que é consubstanciada por um conjunto de perigos que residem na urbanização (Fernandes & Carvalho, 2000). Segundo Wirth (2001), é

na cidade que a desordem mental, o suicídio, a delinquência, o crime e a insegurança se tendem a desenvolver mais.

Não obstante, Lagrange (1995) menciona que o medo à cidade provém do afastamento da natureza por parte do cidadão/ã, esclarecendo que o medo dos indivíduos deixa de estar concentrado nas doenças e nos desastres naturais e foca-se nos perigos da cidade.

Outros autores, como Ackerman, Dulong, e Jeudy (1983, como citado por Fernandes & Carvalho, 2000), defendem que o conceito de sentimento de insegurança é extremamente vago e que está inserido numa moldura onde cabem desde o desemprego até ao aumento da criminalidade.

De acordo com as teorizações realizadas até então pela comunidade científica percebe-se que o sentimento de insegurança é ainda um conceito bastante ambíguo, que diz respeito, quer aos acidentes rodoviários, quer à degradação do espaço público, quer ao desequilíbrio económico, quer ao aumento da delinquência (Fernandes, 2004), quer ao medo do crime (Fernandes & Rêgo, 2011; Rêgo & Fernandes, 2012).

### **Nível do crime e sentimento de insegurança**

É importante salientar que o fenómeno do sentimento de insegurança se reveste de numerosos paradoxos (Fernandes & Rego, 2011).

Desde logo, verifica-se um desfasamento entre a criminalidade real e o nível de medo do crime e de sentimento de insegurança (Fernandes & Rego, 2011). Os inquéritos utilizados para medir o sentimento de insegurança concluíram que a população portuguesa apresenta níveis elevados de insegurança em relação ao risco de vitimação existente (Guedes et al., 2012). Segundo Rêgo e Fernandes (2012), Portugal é considerado mundialmente o nono país mais seguro e o terceiro da Europa com menos criminalidade. No entanto, para estes autores, a sociedade portuguesa vive a insegurança de forma mais intensa do que na realidade o crime provoca (Rêgo & Fernandes, 2012). Fernandes e Rêgo (2011) identificam vários aspetos que revelam a ambivalência do fenómeno aqui discutido. Em concreto, destacam que a maioria dos crimes são contra o património e no entanto os indivíduos apresentam mais medo dos crimes contra a integridade física. Indicam também que certos indivíduos que já foram vítimas de crimes são os que apresentam menos medo. Do mesmo modo, as figuras

identificadas pela sociedade como perigosas são as que têm menos historial criminal (Fernandes & Rêgo, 2011).

As componentes demográficas são fatores que na literatura têm sido alvo de relação com o medo do crime, como por exemplo o género, a idade e a posição geografia do indivíduo (Lab, 2013). As investigações neste âmbito têm demonstrado que o género é um preditor do medo do crime, visto que as mulheres são o grupo de indivíduos que apresenta mais medo da vitimação (Lab, 2013).

Relativamente à idade, os/as idosos/as têm mais medo comparativamente com os/as mais novos/as, sendo estes/as os/as mais temíveis na sociedade (cf. Lab, 2013). No entanto, parece existir um desfasamento entre a perceção do risco e as taxas de criminalidade, visto que os/as idosos/as e as mulheres são os indivíduos com menos probabilidade de serem vítimas (Lab, 2013). A vulnerabilidade física destes indivíduos é o fator que os estudos adiantam como estando na base deste maior sentimento de insegurança (Lab, 2013).

A posição geográfica do sujeito constitui também um indicador do medo do crime. A generalidade dos estudos indica que os indivíduos de nível socioeconómico mais baixo e que vivem em grandes comunidades apresentam níveis mais elevados de medo do crime (cf. Lab, 2013). Para além disso, os estudos revelam que são as pessoas que habitam em meios urbanos que apresentam maiores níveis de medo em comparação com a população rural (Lab, 2013).

Considera-se, também, que a criminalidade não afeta de forma negativa toda a organização social, pois embora o medo esteja distribuído geograficamente, o risco muitas vezes reside nos locais onde se centraliza a pobreza e onde a presença do Estado é inassídua (Rêgo & Fernandes, 2012).

Na literatura, é consensual o reconhecimento de vários indivíduos como responsáveis por levar o medo para a cidade, sendo os grupos marginalizados os mais frequentemente considerados como elementos perigosos (Fernandes & Carvalho, 2000). De facto, sujeitos de grupos minoritários, como ciganos e africanos em Portugal, tendem a ser descritos como figuras de medo (Machado & Manita, 2001). Como fatores de inquietação são identificados também os fenómenos da droga (Fernandes & Carvalho, 2000) e dos gangues, assim como as incivildades e os confrontos com o Estado (Lourenço, 2010). O pobre possui igualmente uma conotação perigosa na sociedade, sendo alvo de desconfiança pelas suas condições económicas serem incompatíveis com as dos cidadãos/ãs da classe média (Fernandes &

Carvalho, 2000). A presença de etnias, a migração clandestina e a ausência de vigilância policial contribuem também para o aumento deste sentimento (Fernandes, 2004).

### **Razões para o desfasamento entre o nível do crime e o sentimento de insegurança**

Se os inquéritos utilizados para medir o sentimento de insegurança das populações nos dão uma perspetiva sobre a insegurança subjetiva, por outro lado as estatísticas oficiais permitem compreender, ainda que de forma incompleta, a insegurança objetiva (Guedes et al., 2012). Estes dados revelam de facto lacunas, uma vez que nem todos os crimes são reportados às instâncias policiais (Agra, 2007; Agra & Kuhn, 2010). Existe um desfasamento entre a criminalidade real e a criminalidade conhecida, denominado por cifras negras (Guedes et al., 2012). Para Mathieu (1995) este desfasamento constitui um importante fator no aumento do sentimento de insegurança.

De qualquer modo, considera-se que o aumento da criminalidade contribui também para o crescimento do sentimento de insegurança (Lourenço, 2010).

Não obstante, vários autores defendem que frequentemente a população não tem medo do crime porque o experiencia mas sim porque os outros o sentem (Fernandes & Carvalho, 2000). A vitimação vicariante, ou seja o conhecimento de vitimações sofridas por outros indivíduos, surge assim como outro preditor para os elevados níveis de insegurança/medo do crime (Hougt, 1995, como citado em Lab, 2013).

Nesta lógica, considera-se que outro aspeto que alimenta o sentimento de insegurança prende-se com a divulgação do crime (Fernandes & Carvalho, 2000; Fernandes & Rêgo, 2011). Trata-se de uma transmissão do medo, que tipicamente começa nas grandes cidades difundindo-se para as mais pequenas, quer através dos *media*, quer através dos rumores citadinos (Fernandes & Carvalho, 2000). Assim, as mensagens pouco tranquilizantes transmitidas pelos órgãos de comunicação social contribuem para ampliar a insegurança na população (Fernandes, 2004). Destaque-se que, segundo alguns autores, a realidade do crime não é tão drástica como os meios de comunicação social veiculam (Rêgo & Fernandes, 2012).

Todavia a ideia que é transmitida, de que todos os indivíduos são potenciais vítimas, contribui para uma maior perceção de risco o que, segundo Lab (2013), explica o aumento do sentimento de insegurança. Este autor salienta que os/as idosos/as e as mulheres são os

indivíduos que apresentam maiores níveis de medo da vitimação criminal devido à sua desvantagem física face a indivíduos do sexo masculino fisicamente mais fortes. Para estes indivíduos a percepção de risco é ainda mais elevada quando a vítima possui uma posição social e física oposta à do/a infrator/a e quando vive em situações de maior isolamento e falta de suporte social. São de facto vários os autores que consideram que a vulnerabilidade percebida pelo indivíduo é um forte preditor de medo do crime (cf. Lab, 2013).

De acordo com a literatura da área, as incivildades justificam também os níveis elevados de medo do crime, pois transmitem a ideia de falta de coesão social, de ausência de recursos e de elevada transitoriedade e indiferença por parte dos/as cidadãos/ãs (Lab, 2013). Tais incivildades referem-se à presença de sinais de degradação dos espaços físicos (e.g., lixo nas ruas, *graffitis*, edifícios abandonados), bem como à evidência de determinados sinais sociais, como indivíduos a beber em público, tráfico de drogas, assédio e insatisfações com a vizinhança (Lab, 2013). Assim, a decadência física e social do espaço urbano contribui para que os indivíduos desenvolvam percepções negativas sobre aquele meio, sobre os sujeitos que lá habitam e sobre os controlos formais e informais (Hunter, 1978, como citado em Guedes et al., 2012). Para Hunter (1978, como citado em Guedes et al., 2012) as incivildades, como são mais experienciadas que o crime, geram mais medo e insegurança na população, embora esta sua influência dependa da percepção de risco de vitimação de cada indivíduo.

Consensual na literatura especializada é que o medo do crime acarreta consequências para os indivíduos e comunidades, pois reflete uma visão criminal que, embora não seja necessariamente real, constrange a conduta diária dos sujeitos (Lab, 2013).

Tais consequências não são todas negativas, pois este medo acarreta a vantagem de motivar o indivíduo a tomar as devidas precauções de modo a garantir a sua segurança (Jackson & Gray, 2009, como citado em Lab, 2013). Neste sentido, seria imprudente eliminar totalmente o medo, uma vez que sem a sua existência o sujeito não tomaria nenhuma atitude de prevenção criminal (Lab, 2013).

Não obstante, a presença do sentimento de insegurança, quer seja objetivo ou subjetivo, acarreta também consequências negativas, potenciando sentimentos de angústia, ansiedade, incertezas, medo do presente e do futuro e modificações nas rotinas diárias, constituindo-se como um problema com prazo indefinido (Miranda, Caixete, & Melo, 2007, como citado em Campos, s.d). Para além disto, o aumento deste sentimento prejudica a união

e coesão sociais pois influencia a interação entre as pessoas, assim como as suas rotinas diárias (Rêgo & Fernandes, 2012).

Neste sentido, revela-se importante estudar a percepção da população acerca do sentimento de insegurança e do medo do crime em ambiente urbano, sem descurar a percepção das crianças, uma vez que estas também habitam na cidade e constituem tipicamente uma população menos estudada.

Na presente dissertação pretende-se, assim, explorar quais os sentimentos de insegurança de crianças em idade escolar e de meio urbano e compreender de que modo estas os constroem. Desta forma, procura-se explorar e compreender quais as figuras de medo para as crianças, quais os contextos e situações associadas a um maior sentimento de insegurança, e que medidas consideram apropriadas para lidar com este fenómeno.

## **Parte II: Estudo empírico**

### **Objetivos e questão de investigação**

A presente investigação ocupa-se do objeto de estudo - sentimento de insegurança -, fenómeno de grande complexidade e ainda pouco explorado nas crianças. Em concreto, pretende-se compreender o sentimento de insegurança em crianças de meio urbano pois, como é referido no enquadramento teórico do presente estudo, a cidade surge mais associada a este fenómeno. Do mesmo modo, o objetivo é estudar crianças com idades entre os sete e os oito anos, pois é a partir desta faixa etária que as mesmas começam a demonstrar medos mais realistas e auto-avaliativos (Papalia, Olds, & Feldman, 2008).

Importa realçar que optámos por nos focar no conceito de sentimento de insegurança (em detrimento do de medo do crime) porque não se pretende estudar apenas o medo do crime como emoção básica, mas também como algo que deriva de uma construção social. Consideramos pertinente não reduzir o estudo à dimensão emocional mas abranger também as dimensões cognitiva e comportamental, explorando, entre outros, questões como o risco percebido e a construção social do sentimento de insegurança. No entanto, é de notar que relativamente às crianças, não foi possível encontrar nenhum estudo que focasse explicitamente a questão do sentimento de insegurança, encontrando-se somente trabalhos sobre os seus medos típicos.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é compreender quais são e de que modo são construídos os sentimentos de insegurança de crianças de meio urbano entre os sete e os oito anos de idade. Em termos de objetivos específicos pretende-se compreender, a partir da perspetiva das próprias crianças, o que é que estas identificam como principais figuras, contextos e situações associadas à segurança e à insegurança, bem como quais as medidas que consideram centrais para reduzir a insegurança.

Neste sentido, pretende-se responder à seguinte questão central:

-Quais são e de que modo são construídos os sentimentos de insegurança de crianças de meio urbano entre os sete e os oito anos de idade?.

As questões específicas que nos colocamos são:

-Quais são, para estas crianças, as principais figuras de segurança e de insegurança?;

-Quais são, para estas crianças, os principais contextos associados à segurança e à insegurança?;

-Quais são, para estas crianças, as principais situações associadas à segurança e à insegurança?; e

-Quais são, para estas crianças, as medidas centrais para reduzir a insegurança?.

## **Método**

### ***Design de investigação***

A escolha da metodologia de investigação deve prender-se com a natureza do objeto de estudo e com os objetivos da investigação (Martins, 2004). Dado o nosso propósito de compreender quais são e de que modo são construídos os sentimentos de insegurança de crianças de meio urbano entre os sete e os oito anos, a partir das suas próprias perspetivas, optou-se por realizar uma investigação de natureza qualitativa.

Este *design* de investigação permite descrever e explicar fenómenos sociais e envolve o contacto direto do investigador com o objeto de investigação e a sua interação com este (Neves, 1996).

### **Amostra**

A amostra total do presente estudo foi constituída por 11 crianças, incluindo sete raparigas e quatro rapazes. Esta característica da amostra não foi intencional pois no presente estudo não nos focamos nas diferenças de género, pretendendo-se apenas compreender os sentimentos de insegurança das crianças desta faixa etária e de meio urbano. O único critério de inclusão contemplado foi tratar-se de crianças com idades entre os sete e os oito anos, residentes em meio urbano. Os/as participantes eram de nacionalidade Portuguesa e residentes na zona do Porto.

Foram realizados dois grupos de discussão, o primeiro constituído por cinco crianças e o segundo por seis, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos em ambos. No

primeiro grupo participaram quatro raparigas e um rapaz, já no segundo participaram três raparigas e três rapazes.

### **Instrumento**

Para a recolha de dados utilizou-se a entrevista *focus group*. Esta técnica de recolha de dados, que consiste numa discussão em grupo que envolve a partilha de opiniões entre os/as participantes e a sua interação, torna-se apropriada quando o objetivo do estudo é perceber a opinião dos/das intervenientes (Oliveira & Freitas, 1998). De facto, esta permite ao investigador/a analisar as perspetivas dos/das participantes à medida que estas vão sendo reformuladas pela sua participação no grupo, e observar as discussões que decorrem de forma natural em contexto de grupo (Oliveira & Freitas, 1998).

Foi constituído, especificamente para este estudo e em função dos objetivos que queríamos explorar, um guião que se divide em quatro partes, incluindo questões e atividades em grupo (cf. Anexo II).

Os tópicos centrais explorados através das questões foram: (i) os conceitos de segurança e insegurança; (ii) os contextos seguros e inseguros; (iii) as figuras da sociedade seguras e inseguras; e (iv) as medidas fundamentais para aumentar o sentimento de segurança.

Quanto às atividades em grupo, inicialmente o guião comporta uma dinâmica de quebra-gelo, que inclui questões como: “Que idades têm?”, “Qual a vossa cor preferida?”, e “Onde moram?”. Seguidamente, contempla uma discussão entre os/as participantes em torno de uma questão que lhes é colocada sobre o conceito de segurança e insegurança. Segue-se outra atividade em grupo em que se expõe imagens, primeiro de vários contextos urbanos e depois de figuras da sociedade, solicitando-se aos/às participantes que, em conjunto, decidam se cada uma delas deve ser colocada numa caixa que diz segurança ou numa outra que diz insegurança. Na última atividade, apresenta-se o desenho de uma cidade e solicita-se às crianças que distribuam as várias figuras pela cidade de modo a construir uma cidade segura.

## **Técnica de análise de dados**

No presente estudo, a técnica de análise de dados utilizada foi a análise temática, tendo-se seguido a proposta de Braun e Clarke (2006). Esta opção justifica-se, sobretudo, pelo facto de esta técnica permitir uma codificação e interpretação dos resultados cuidada mas flexível.

Quanto ao processo de análise, começou-se por uma leitura inicial das transcrições dos grupos focais de modo a obter uma primeira perceção sobre o material empírico. Seguiu-se a releitura de tais dados com o intuito de os codificar; organizando os resultados em grupos de significados que inicialmente foram mais descritivos e posteriormente mais interpretativos. Esta primeira fase do processo de tratamento do material empírico foi orientada por eixos de análise previamente definidos em função dos nossos objetivos de investigação: (i) conceitos de segurança e insegurança; (ii) situações de segurança e insegurança; (iii) contextos de segurança e insegurança; (iv) figuras de segurança e insegurança; e (v) medidas de segurança. De facto, segundo Braun e Clarke (2006), os temas devem ser distintos entre si e significativos em relação aos objetivos da investigação. No entanto, os diversos códigos e temas foram constituídos a partir do material empírico.

Depois de os dados serem codificados procedeu-se ao agrupamento dos códigos em potenciais temas e à sua revisão, durante o qual estes temas potenciais foram combinados, separados ou descartados. De seguida, definimos e nomeámos os temas centrais, identificando-se a essência de cada um e percebendo de que modo cada um capta os diferentes aspetos dos dados (Braun & Clarke, 2006). Deste modo, foi possível identificar a “história” de cada tema e a sua relação com os demais códigos.

## **Procedimentos**

Neste estudo, os dados foram recolhidos no dia 15 de março de 2014, numa sede de escuteiros do Porto. O acesso aos/às participantes foi facilitado por um informante privilegiado que faz parte da nossa rede de interconhecimento. Foi entregue a cada participante uma declaração de consentimento informado para ser preenchido pelo/a seu/sua tutor/a legal (cf. Anexo I). Nos grupos de discussão só participaram aquelas crianças cujos/as tutores/as legais assinaram a referida declaração.

O primeiro grupo de discussão durou cerca de 40 minutos, enquanto o segundo demorou cerca de uma hora. Ambos foram gravados em áudio e seguidamente transcritos na íntegra de modo a permitir a análise dos dados.

### **Parte III: Apresentação dos resultados**

Os resultados apresentados neste tópico refletem a análise e interpretação dos dois grupos de discussão realizados. Serão descritos os dados obtidos e apresentados extratos das entrevistas para ser possível compreender melhor as percepções dos/as participantes relativamente aos eixos de análise definidos: conceitos de segurança e insegurança; situações de segurança e insegurança; contextos de segurança e insegurança; figuras de segurança e insegurança e medidas de segurança. Começamos por apresentar os resultados referentes à segurança, passando para os relativos à insegurança e terminamos com determinados dados que se mostraram ambivalentes. Para uma melhor compreensão de todo o material empírico apresentam-se, nas tabelas 1, 2 e 3 ilustrações gráficas dos mesmos.

## A segurança

Tabela 1

*Percepções das crianças relativamente à segurança*

Noção de segurança	Situações de segurança	Contextos de segurança	Figuras de segurança	Medidas de segurança
<b>Percepção de proteção</b>	<b>Confiança nas pessoas</b>	<b>A própria casa</b> <b>Café do pai</b>	<b>Pais</b> <b>Própria família</b> <b>Animais domésticos</b> <b>Professores</b> <b>Porteiro da escola</b> <b>Auxiliares e funcionárias da escola</b> <i>Família</i> <i>Casal</i> <i>Polícia</i> <i>Bombeiro</i> <i>Estudantes</i>	<b>Vedações altas</b> <b>Habitação fechada</b> <b>Piso em areia</b> <b>Gradeamento nas janelas</b> <b>Vigilância informal</b> <b>Câmaras de vigilância</b> <b>Sensores de segurança</b> <b>Portas resistentes</b> <b>Cães de guarda</b> <b>Degradação das habitações</b> <b>Fitas de sinalização e delimitação de áreas</b>

*Nota.* As expressões a negrito correspondem aos dados referidos espontaneamente pelas crianças. As expressões apresentadas em itálico correspondem aos dados obtidos com as crianças quando questionadas sobre os mesmos.

Da análise dos resultados obtidos verificámos que na opinião de dois participantes de ambos os grupos **segurança** diz respeito a uma **percepção de proteção**, por considerarem que este conceito está relacionado com a inexistência de malefícios (“não haver nada de especial que nos magoe”; “estarmos protegidos de coisas más”). De notar que embora apenas duas crianças tenham referido esta percepção espontaneamente, todos/as os/as outros/as participantes explicitaram concordar com a mesma.

Relativamente ao eixo de análise **situações de segurança**, uma participante do primeiro grupo mencionou a **confiança nas pessoas** (“Eu sinto-me segura quando confio nas pessoas”) e todos/as os/as intervenientes do mesmo grupo concordaram.

No que respeita ao eixo de análise **contextos de segurança**, os/as participantes mencionaram locais que na sua perspetiva eram de segurança. No que respeita aos contextos seguros todos/as os/as participantes referiram espontaneamente **a própria casa**, justificando que estão protegidos na presença de familiares (“estão lá os meus pais”; “porque tenho lá a minha família”; “Porque tenho a minha avó e a minha mãe”; “porque se alguém entrar lá estão lá os meus pais”). Outro resultado relatado espontaneamente, mas apenas por uma participante, foi o **café do pai** (“...no café do meu pai, o meu pai vigia-me”).

No eixo de análise **figuras de segurança**, todas as crianças consideraram de forma espontânea os **pais** (“Quando estou com os meus pais”; “Sinto-me seguro na casa da minha família... porque estão lá os meus pais”). A **própria família** foi também mencionada por todas as crianças, incluindo os irmãos e os avós, justificando serem elementos familiares que os protegem (“Na minha casa...porque tenho... a minha irmã.”; “Na minha casa...porque tenho a minha avó, o meu avô...”). Os **animais domésticos** foram também referidos como figuras de segurança por dois participantes do segundo grupo, que explicaram que se sentem protegidos na presença dos seus animais de estimação (“...em minha casa sinto-me segura porque tenho lá...a minha cadela”; “Sinto-me seguro na casa da minha família ...porque tenho lá a minha família e os meus cães”). Importa também referir que as outras crianças concordaram com esta opinião. Relativamente a este eixo de análise foram também destacados os **professores** (“Normalmente uma escola está bem protegida, tem as crianças, professoras...”; “Se partirem a janela está ali a professora de aula e pode ligar à policia...”). Tal foi espontaneamente explicitado por quatro participantes, tendo todas as outras crianças dos dois grupos concordado. O **porteiro da escola** foi igualmente referido como figura de segurança por um interveniente. Importa também referir que todas as restantes crianças concordaram com esta opinião (“Desde que tenha...porteiros e assim é tudo segurança”). Os **auxiliares e funcionárias da escola** foram também incluídos neste eixo de análise, tendo sido mencionados por quatro crianças dos dois grupos, além de todas as outras terem expressado o seu acordo (“Normalmente uma escola está bem protegida, tem...auxiliares e funcionárias”; “Desde que tenha funcionárias...é tudo segurança”). Ainda neste eixo de análise surgiram outras figuras de segurança mas porque os/as participantes foram questionados sobre elas. Todos/as os/as intervenientes associaram à segurança a imagem de uma **família** que lhes foi

apresentada (“A apanhar sol, estão-se a divertir em família”; “segurança”). A imagem que lhes foi apresentada de um **casal** foi igualmente associada à segurança por todos/as os/as participantes de ambos os grupos (“Um casal que está a passear no parque”; “Segurança”). O mesmo sucedeu com a imagem de um **polícia** (“Segurança com o polícia”; “prende os ladrões quando aparecem”; “É segurança claro”). A imagem de um **bombeiro** foi igualmente associada à segurança por todas as crianças (“Sim os bombeiros estão ali para ajudar sempre”; “...podem ir apagar um fogo, salva-nos do fogo...”). Tal foi também constatado no que se refere à imagem de **estudantes** (“Segurança, segurança porque estão ao pé de uma escola”; “Porque eles são amigos e estão à beira de um sítio onde se podem esconder de outras pessoas”).

No que se refere às **medidas de segurança**, todos os resultados apresentados foram explicitados espontaneamente pelas crianças. Desde logo, todos/as os/as participantes de ambos os grupos mencionaram as **vedações altas**, quer nas casas, quer nos parques infantis, quer na escola, justificando serem um obstáculo ao roubo e ao rapto (“Segura...porque aqui eles não conseguem saltar e aqui é difícil de saltar”). A **habitação fechada**, nomeadamente as suas portas e janelas, foi também mencionada por todas as crianças como uma medida de segurança que previne do roubo (“Segura porque as janelas podem estar fechadas”; “E se aquela porta não tiver uma fechadura os ladrões podem entrar e roubar algumas coisas se a porta tivesse aberta”). O **piso em areia** nos parques infantis foi referido por três elementos do primeiro grupo como uma medida de segurança, por considerarem tratar-se de um pavimento mais adequado para as crianças evitarem os ferimentos (“Mas normalmente aquilo tem areia, não tem?”). De referir que as restantes crianças do grupo concordaram com esta opinião. O **gradeamento nas janelas** foi também mencionado por dois participantes do segundo grupo, que o justificaram por ser uma medida que obstaculiza a entrada de um transgressor. Além disso, todas as outras crianças concordaram com a opinião explicitada por esses dois elementos (“...as janelas podem ter grades e muito encostadinhas e depois os ladrões não conseguem subir”). Todos/as os/as participantes de ambos os grupos salientaram como medida de segurança a **vigilância informal** exercida por parte, quer dos familiares, quer de outras pessoas de confiança (“...normalmente está sempre aí uma pessoa para se alguém cair”; “...podem vigiar os filhos e acho que os filhos dos pais têm muita segurança”; “...quando eu estou lá vigio sempre as minhas primas...a minha madrinha e o meu tio também vigiam”). A vigilância artificial, em concreto através de **câmaras de vigilância**, foi identificada por duas participantes do segundo grupo, tendo todas as outras crianças

concordado (“...pode estar muito protegida assim com as câmaras...”). **Sensores de segurança**, como sistemas de alarme e raios *laser*, foram também referidos por uma participante do segundo grupo, tendo todos os outros elementos concordado (“parece muito segura porque pode ter sensores de segurança”; “Pode ter sensores de segurança e pode ter raios *laser* enquanto as crianças estão na sala e o ladrão ou qualquer pessoa que queira roubar qualquer coisa pode ativar o alarme...”). Outra medida de segurança salientada, por três elementos do segundo grupo, foram as **portas resistentes**, tendo todas as outras crianças desse grupo concordado (“...a porta pode ser muito forte e eles não conseguem”). Os **cães de guarda** foram igualmente considerados como uma medida de segurança, o que foi explicitado por três participantes do segundo grupo, tendo os restantes concordado (“Pode ter cães de guarda”). Todas as crianças do segundo grupo fizeram ainda referência à **degradação das habitações** explicando que uma casa degradada constitui um fator de evitamento de roubo (“...as paredes estão pintadas e parece muito antiga ...podem pensar que não vive lá ninguém e podem ir-se embora.”). Finalmente, foram identificadas como medida de segurança as **fitas de sinalização e delimitação de áreas**. Apesar de identificadas espontaneamente por apenas um participante do primeiro grupo, as restantes crianças do grupo concordaram (“Sim...mas então é segurança se está com fitas”).

## A insegurança

Tabela 2

*Percepções das crianças relativamente à insegurança*

Noção de insegurança	Situações de insegurança	Contextos de insegurança	Figuras de insegurança	Pessoas inseguras	Situações perigosas
<b>Percepção de vulnerabilidade</b>	<b>Ruido da vizinhança</b>	<b>Rua Estrada</b>	<b>Ladrões</b>	<b>Pobres</b>	<b>Rapto</b>
	<b>Terramoto</b>	<b>Campos</b>	<b>Cães de rua</b>		<b>Roubo</b>
	<b>Janelas e portas abertas</b>	<b>Praia</b>	<b>Lobos</b>	<b>Desconhecidos</b>	<b>Ferimentos</b>
	<b>Estar sozinho/a</b>	<b>Locais escuros</b>			
	<b>Distração dos pais</b>	<b>Floresta</b>			
		<b>Casas de grande dimensão</b>			
		<i>Casa atrativa</i>			
		<i>Parque infantil</i>			
		<i>Parque infantil interdito</i>			
		<i>Local poluído</i>			

*Nota.* As expressões a negrito correspondem aos dados referidos espontaneamente pelas crianças. As expressões apresentadas em itálico correspondem aos dados obtidos com as crianças quando questionadas sobre os mesmos.

Quando questionados/as acerca da **noção de insegurança**, as crianças associaram-na à **percepção de vulnerabilidade** (“Imagina aparece um ladrão perto de nossa casa é insegurança”; “Insegurança é...pessoas que nos fazem mal...não podemos fazer nada porque às vezes são mais velhas e mais fortes que nós”; “ferir-me”).

Relativamente ao eixo de análise **situações de insegurança** todos os resultados aqui apresentados foram espontaneamente referidos pelos/as participantes. Duas crianças do segundo grupo fizeram referência a situações de **ruído da vizinhança** e todas as outras concordaram (“Eu sinto-me segura apesar de às vezes ouvir uns ruídos dos vizinhos de cima e dos vizinhos de baixo porque eu moro no 1º andar ouço alguns ruídos e às vezes assusto-me”). O **terramoto** como situação de insegurança foi mencionado duas vezes por um participante do primeiro grupo, com o qual todas as outras crianças concordaram (“Só gostava de viver no andar mais alto porque imagina vem um terramoto deita o prédio em cima da

minha cabeça e assim fico só com um bocadinho de prédio em cima da minha cabeça”). Todos os elementos de ambos os grupos consideraram igualmente inseguras as situações em que as **janelas e as portas estão abertas** (“Quando as janelas estão abertas como neste caso”; “Quando as portas estão abertas”). Outra situação associada à insegura foi **estar sozinho/a**, quer em casa, quer na escola. Tal foi explicitado por duas crianças do segundo grupo com as quais todas as restantes concordaram (“Quando estou sozinha numa sala de aula”; “em casa sozinho”; “Porque na escola disseram que se estamos em casa sozinhos não devemos contar a ninguém porque podem ir lá raptar-nos”). Quatro participantes do segundo grupo fizeram ainda referência à **distração dos pais**, justificando-o pelo facto de poder conduzir a situações de rapto. De notar que todas as outras crianças assentiram tratar-se de uma situação de insegurança (“Insegurança porque os pais podem estar aqui e depois estarem aqui outros pais e podem ficar a conversar e não estão a ver e depois pode vir um ladrão e roubar-nos”; “Os pais podem ir tomar café e depois como o portão é pequenino...os ladrões podem entrar mesmo que ele esteja mesmo fechado”).

No eixo de análise **contextos de insegurança**, alguns dos dados surgiram espontaneamente, enquanto outros foram referidos pelas crianças quando questionadas sobre os mesmos. Como contexto inseguro todos/as os/as participantes do segundo grupo salientaram espontaneamente a **rua**, justificando-o maioritariamente por poder estar associado a situações de rapto (“Eu sinto-me insegura na rua porque pode vir uma pessoa e pode raptar-me e posso nunca mais ver os meus pais ou a minha família”; “Na rua...porque pode vir alguma pessoa desconhecida que seja um ladrão e pode raptar-nos”). Ainda que de forma menos expressiva, a rua foi também apresentada como contexto de insegurança por poder estar associada a outras situações das quais podem decorrer danos (“Na rua... porque os cães podem morder”), tendo sido explicitado apenas por um participante do segundo grupo com o qual as restantes crianças concordaram. A **estrada** foi igualmente considerada um contexto inseguro sobretudo pela sua associação a situações de atropelamento. Tal foi mencionado espontaneamente por três participantes do segundo grupo e as restantes crianças expressaram o seu acordo (“Podemos atravessar a estrada e podemos ser atropelados”). Os **campos** também foram referidos por quatro participantes do segundo grupo, tendo os/as restantes consentido, com a justificação de ser um local perigoso (“Podem vir cães ou ladrões e os cães podem vir atacar-nos e nós ficamos sem pernas”). A **praia** foi também mencionada por todos/as os/as participantes do segundo grupo, o que foi explicado por ser um local que constitui perigo de afogamento ou de ferimentos (“Porque a minha irmã contou-me que uma

amiga dela tem uma irmã que foi para a água e o mar levou-a...”; “Na praia pode vir um peixe aranha”). Os **locais escuros** foram identificados como inseguros por um participante do segundo grupo com o qual os restantes concordaram (“Posso ser levado...eu acho que locais escuros são mais perigosos porque não conseguimos ver nada”). A **floresta** foi também indicada por dois elementos do segundo grupo como um local inseguro. De notar que as restantes crianças concordaram com esta opinião (“Nas florestas podem ser os terrenos dos ladrões...podem estar a ver-nos e depois raptar-nos”). Por fim, as **casas de grande dimensão** foram mencionadas por uma participante do segundo grupo como inseguras, tendo todas as restantes crianças concordado. Tal foi justificado pelo facto de as casas de grande dimensão estarem mais associadas a situações de rapto (“...casas em que têm terrenos acho que é perigoso... se os pais tiverem nos quartos pode vir uma pessoa qualquer e raptar-nos”).

Relativamente aos contextos inseguros que foram salientados pelos/as participantes depois de questionados/as sobre os mesmos, é de referir que a imagem de uma **casa atrativa** que lhes foi apresentada foi associada à insegurança por considerarem que era mais aprazível para o roubo (“Podem roubar o carro podem partir a janela”; “Podem partir a janela podem tirar de lá o dinheiro e depois podem fugir para um sítio que ninguém sabe”; “Porque não tem nenhum portão e o carro está mesmo à vista dos ladrões”). A imagem que lhes foi apresentada de um **parque infantil** foi igualmente associada à insegurança por todos/as os/as participantes de ambos os grupos focais, que o explicaram pelo facto de a considerarem um local propício a ferimentos e a raptos (“...porque os pais podem ir tomar um café e nós ficamos aqui sozinhos e pode vir uma pessoa e roubar-nos”; “aqui é que é o mais perigoso para as crianças mais pequeninas, podem cair e magoar-se”; “quando caímos do escorrega uma pessoa pode vir a correr apanhar-nos e roubar-nos”). O mesmo sucedeu com a imagem de um **parque infantil interdito**, o que as crianças atribuíram à degradação do espaço (“Inseguro porque até nos dão uma pista por causa disto, por causa das fitas da polícia ... o escorrega está-se a soltar, primeiro ponto. O escorrega pode cair e estas cordas podem-se romper e aqui as crianças nesta ponta podem cair e magoar-se imenso”). A imagem de um **local poluído** foi igualmente associada à insegurança por todos/as os/as intervenientes, o que foi justificado pelo facto de ser um contexto inseguro para a saúde e bem-estar da população (“...pode fazer um grande incêndio e depois as árvores ficarem estragadas e depois nós não temos oxigénio para respirar”; “Pode haver alguma coisa tipo mercúrio e essas coisas que fazem mal, podemos tropeçar e podem-nos acontecer muitas coisas más”).

No que respeita às **figuras de insegurança**, todos/as os/as participantes referiram os **ladrões**, justificando que são sujeitos perigosos (“Porque podem assaltar estas pessoas que estão aqui”; “Porque podem ser presos”). Na atividade que consistia em construir uma cidade segura, os/as intervenientes do primeiro grupo colocaram estas figuras na prisão e os/as do segundo grupo colocaram-nos próximos da polícia. Os **cães de rua** foram também associados à insegurança. Tal foi espontaneamente explicitado por dois elementos do segundo grupo justificando serem animais perigosos. Importa referir que as restantes crianças expressaram o seu acordo (“os cães podem morder.”; “Pode vir cães ou ladrões e os cães podem vir atacarnos...”). Os **lobos** foram igualmente considerados por dois participantes como figuras de insegurança e as outras crianças concordaram (“Não é propriamente cães é mais...lobos”; “Na floresta porque à noite podem vir lobos e podem-nos comer”). Os **desconhecidos** foram também referidos por todos/as os/a participantes de ambos os grupos como figuras associadas à insegurança (“Porque a minha avó ela tem a porta aberta às vezes e entram desconhecidos”; Na rua...porque pode vir alguma pessoa desconhecida que seja um ladrão e poder raptar-nos”).

Importa realçar que, de forma espontânea, surgiu a referência, por todos/as os/as participantes de ambos os grupos, a **peçoas inseguras**. Todos/as os/as participantes consideraram os **pobres** como pessoas inseguras, justificando que estes se encontram inseguros devido às suas condições económicas desfavoráveis (“Uma família muito pobrezinha...está a passear num parque com as crianças”; “Insegurança, insegurança, pode aparecer um ladrão roubar-lhe tudo, até roupa”; “Não tem abrigo, pode aparecer alguém durante a noite”; “Pobres isso são pobres, insegurança sentem-se inseguros”). Na atividade em que os elementos dos grupos focais tinham de construir uma cidade segura, todos/as os/as participantes colocaram estas figuras perto de uma habitação com o intuito de lhes dar abrigo e proteção e, desse modo, torná-las pessoas mais seguras.

De forma espontânea os/as participantes de ambos os grupos fizeram ainda referência a **situações perigosas**. Em concreto, todos/as os/as participantes referiram o **rapto** (“...pode raptar-me e posso nunca mais ver os meus pais ou a minha família; “...os ladrões podem estar a ver-nos e depois raptar-nos”) e o **roubo** (“...o carro está mesmo à vista dos ladrões”; “podem arrombar com a porta, roubar o dinheiro partindo a janela...”). Os **ferimentos** foram também associados a situações perigosas e temíveis por todas as crianças de ambos os grupos (“Está aqui uma torre de eletricidade, as crianças podem estar aqui a correr e ir contra aquilo e depois apanhar um choque elétrico”; “E ela pode ficar sem oxigénio”).

## Ambivalência

Tabela 3

*Situações de ambivalência apresentadas pelas crianças*

---

Situações de ambivalência
<i>Casa da avó</i>
<i>Casa grafitada</i>
<i>Escola</i>
<i>Parque da cidade</i>
<i>Prédios altos</i>

---

*Nota.* As expressões a negrito correspondem aos dados referidos espontaneamente pelas crianças. As expressões apresentadas em itálico correspondem aos dados obtidos com as crianças quando questionadas sobre os mesmos.

Neste estudo constatou-se alguma **ambivalência** em relação a determinados resultados. Em concreto, os/as participantes demonstraram-se ambivalentes no que respeita a determinados contextos urbanos serem seguros ou inseguros. De salientar que esta ambivalência se observou entre os elementos do mesmo grupo, entre os dois grupos e a nível individual.

Desde logo, tal ambivalência verificou-se relativamente à **casa da avó**, contexto mencionado espontaneamente por todos/as os/as participantes do primeiro grupo e por uuma do segundo grupo. No primeiro grupo tal contexto, mencionado por todos/as os/as participantes, foi considerado inseguro por ser um espaço de grande dimensão e aberto, o que o torna propício à entrada de desconhecidos (“Em casa dos meus avós às vezes sinto-me insegura porque é muito grande e às vezes eles estão noutra sítio e o portão está sempre aberto”; “Em casa da minha avó...sinto-me insegura às vezes porque primeiro ela já foi assaltada e depois porque a casa do meu avô e a casa da minha avó são enormíssimas e eles às vezes estão lá em baixo e eu estou no piso lá de cima”). Por outro lado, no segundo grupo uma participante refere sentir-se seguro/a em casa da avó, explicando que se sente protegida por estes familiares e os/as restantes participantes concordaram (“Tenho três sítios onde me sinto segura...na casa da minha avó...”).

Em termos de contextos identificados após o questionamento, todos/as os/as participantes do primeiro grupo associaram à insegurança a imagem de uma **casa grafitada**,

devido à sua degradação e por indiciar a presença de um transgressor perto desta habitação (“O *graffiti* foi um ladrão, só pode ser porque não pode ser mais ninguém que pode ter feito isso”; “Há um raptor de pessoas, ou raptante ou lá como se diz”; “Para mim é insegurança porque está um ladrão perto de casa a fazer *graffitis*, faz dentro de casa rouba as coisas e pronto”; “Insegurança porque a porta está aberta”). Pelo contrário, todos/as os/as intervenientes do segundo grupo consideraram a casa grafitada como um contexto seguro, explicando que a degradação física da habitação, pelos *graffitis*, transmite a mensagem de que está desabitada e sem objetos de valor, o que permite evitar a situação de roubo (“Está pintada que é para enganar os ladrões e eles batem com a cabeça”; “É como se fosse um sensor de segurança ...as paredes estão pintadas e parece muito antiga e depois eles podem pensar que não vive lá ninguém e podem ir-se embora”). No entanto, um participante deste último grupo também considera a casa grafitada insegura, embora por motivos relacionados com ferimentos e não com a vitimação criminal (“Esta parte da casa pode cair”).

Quanto à imagem apresentada de uma **escola**, o primeiro grupo associou-a à segurança, uma vez que o edifício estava fechado e sobre a vigilância dos funcionários e porteiros (“Quando estamos na escola com as portas fechadas e as janelas fechadas”, “É uma escola pública, segurança, tudo fechado com funcionárias”). O segundo grupo, embora inicialmente tivesse a mesma opinião, acabou por considerar a escola como um contexto inseguro, por não apresentar as condições de segurança necessárias (“Eu acho um bocadinho insegura porque o muro é um bocadinho baixo”, “Acho insegura porque o portão está aberto e pode estar com um ladrão em cima do telhado e partir esta janela e entrar”).

O **parque da cidade** revelou-se outro contexto em relação ao qual as crianças se mostraram ambivalentes. No segundo grupo todos/as os/as participantes associaram a imagem do parque da cidade à insegurança devido a questões de rapto ou de ferimentos (“Insegura porque os meninos podem estar a jogar às apanhadinhas um menino pode estar a correr a olhar para trás pode tropeçar e cair no arbusto e alguém pode roubar”, “Insegura porque os pais podem estar muito longe e os meninos podem estar a correr, podem-se esconder num sítio onde não vêem os pais e depois eles perdem-se e no dia seguinte são roubados”, “Nós podemos ir para o rio, pode estar muito vento e pouco sol o rio pode-nos levar e por uma cascata e nós cairmos e morreremos”). Por outro lado, o primeiro grupo, muito embora mencione as mesmas questões, considera a imagem como segura, por ter vigilância dos familiares e por ter o que consideram ser medidas de proteção (“Mas pode ser seguro porque

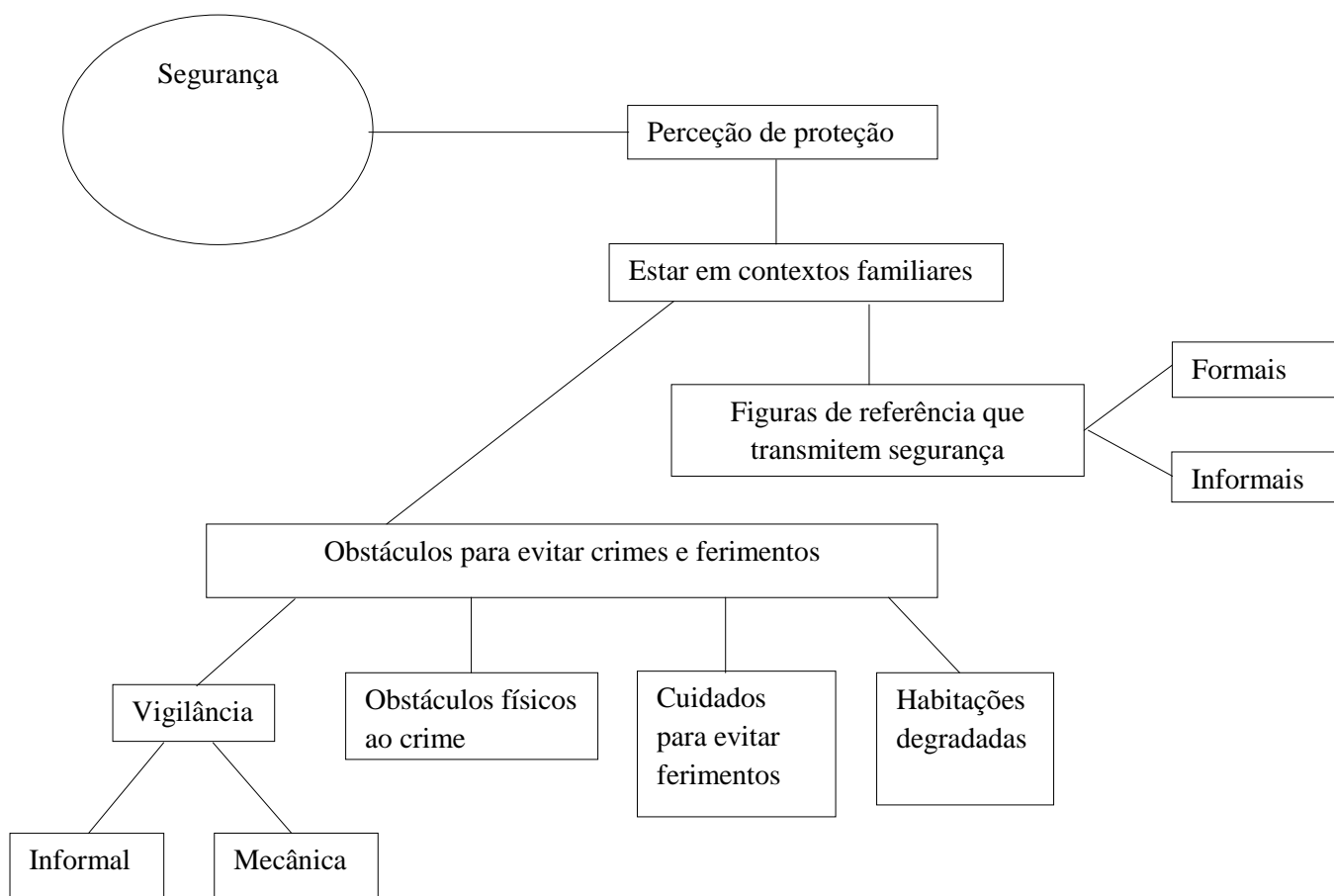
está a tapar com arbustos à volta”, “Mas normalmente está sempre aí uma pessoa para se cair alguém”).

No que diz respeito aos **prédios altos**, todos os elementos do segundo grupo consideraram este contexto como seguro por se tornar de difícil acesso para os transgressores (“Segura porque o prédio é muito alto... as janelas podem ter umas grades e muito encostadinhas e depois os ladrões não conseguem subir”; “Porque é muito alto e eles não chegam”). No primeiro grupo os/as participantes, embora considerem seguras as habitações altas, identificaram a imagem apresentada como insegura devido à presença de *graffitis* e de um indivíduo a entrar no prédio, e porque as janelas estavam abertas (“Porque as janelas estão abertas, a porta e também tem muitos *graffitis*”; “As janelas abertas e estar um ladrão à beira”).

#### **Parte IV: Discussão dos resultados e conclusão**

Esta última parte da dissertação é dedicada à discussão dos resultados e à conclusão do presente estudo. Pretende-se identificar as principais aprendizagens que esta investigação proporcionou e confrontá-las com a literatura da área. Termina-se com uma reflexão sobre as limitações centrais do presente trabalho e sobre pistas para futuras investigações. O objetivo central da presente investigação era explorar quais são e de que modos são construídos os sentimentos de insegurança de crianças de meio urbano com idades entre os sete e os oito anos, a partir da sua própria perspectiva. Nesse sentido, pretendíamos compreender o que é que estas crianças identificam como principais figuras, contextos e situações associadas à segurança e à insegurança, bem como quais as medidas que consideram centrais para reduzir a insegurança.

A partir do material empírico reunido nesta investigação foi possível chegar à definição de dois temas centrais. Um sintetiza a perceção dos/as participantes sobre a noção de segurança, identificando as figuras, os contextos, as situações e as medidas a partir das quais as crianças constroem este sentimento. O outro sintetiza a perceção dos/as participantes sobre o sentimento de insegurança, identificando as figuras, os contextos e as situações a partir das quais as crianças constroem este sentimento. De seguida, apresentam-se e discutem-se estes dois temas, começando por se expor os respetivos esquemas temáticos para uma melhor compreensão dos mesmos



*Figura 1.* Esquema temático final relativo à segurança

Na perspetiva das crianças que participaram neste estudo segurança define-se pela perceção de proteção, o que implica a ausência de crimes e de ferimentos. Para além disso, a segurança está associada a contextos familiares na presença de figuras de referência que transmitem segurança. Estas figuras podem ser informais (e.g., familiares, animais domésticos, figuras de referência escolares) ou formais (bombeiros, polícia). Para um contexto ser seguro é fundamental existirem obstáculos para evitar crimes e ferimentos. Estes obstáculos constituem-se pela vigilância, quer informal (efetuada pelos pais, por pessoas de confiança e por cães de guarda), quer mecânica (através das câmaras de vigilância e dos sensores de segurança). Outras medidas relevantes passam por obstáculos físicos ao crime (e.g., habitações fechadas, com gradeamento nas janelas, vedações altas, portas resistentes) e cuidados para evitar ferimentos (e.g., piso de areia nos parques infantis, fitas de sinalização e delimitação de áreas em zonas perigosas). Para as crianças que participaram neste estudo, a degradação das habitações constitui uma estratégia de segurança, pois transmite a ideia da ausência de objetos de valor o que permite evitar situações de roubo.

Interessa, desde logo, realçar que a associação que os/as participantes fizeram entre a segurança e a perceção de protecção pela ausência de crimes e ferimentos, vai de encontro aos dados de estudos anteriores que mostram que o medo é uma resposta emocional do indivíduo perante a perceção de uma ameaça (Ainsworth, 1981; Roazzi et al., 2002).

Outra contribuição do presente estudo prende-se com a identificação das medidas de segurança que as crianças mencionaram como centrais para a protecção do indivíduo. Uma das medidas referidas diz respeito aos obstáculos físicos ao crime, o que é congruente com a literatura especializada, sobretudo a que se refere à prevenção situacional do crime. Tais medidas mostram também, tal como se explorou no primeiro capítulo desta dissertação, que o indivíduo pode reagir ao medo de modo consciente e cauteloso, antecipando as situações (Damásio, 2011). De facto, estudos anteriores realçam que o medo é uma resposta emocional que tem como função garantir a segurança do indivíduo motivando-o a tomar as devidas precauções (Jackson & Gray, 2009, como citado em Lab, 2013). Outra medida relevante do ponto de vista dos/as participantes são os obstáculos aos ferimentos. A literatura revista e apresentada sugere que as lesões corporais constituem um medo muito frequente ao longo de toda a infância (Papaia et al., 2008). Tanto para evitar o crime como os ferimentos, a vigilância formal e mecânica foi uma medida de segurança salientada pelos/as participantes. Tal vai ao encontro do que é referido na literatura. A título de exemplo, Fernandes (2004) defende que a ausência de vigilância policial contribui para o aumento do sentimento de insegurança na sociedade.

A este nível, a única medida de segurança de que não se estaria à espera prende-se com a degradação das habitações. Na perspectiva dos/as participantes a degradação física das habitações é um forte obstáculo ao roubo na medida em que torna o alvo pouco apetecível. Tal perceção é, de facto, incongruente com os dados de estudos anteriores que sugerem que as incivilidades, quer físicas, quer sociais, contribuem para o aumento do sentimento de insegurança na população (Fernandes & Rêgo, 2011; Lab, 2013).

Para terminar, importa notar que as crianças, ao fazerem referência a medidas de segurança com as quais se deve reagir face a situações de perigo, demonstram que existe uma componente comportamental do sentimento de insegurança, além das dimensões emocional e comportamental, tal como defendem outros autores (cf. Guedes, 2012).

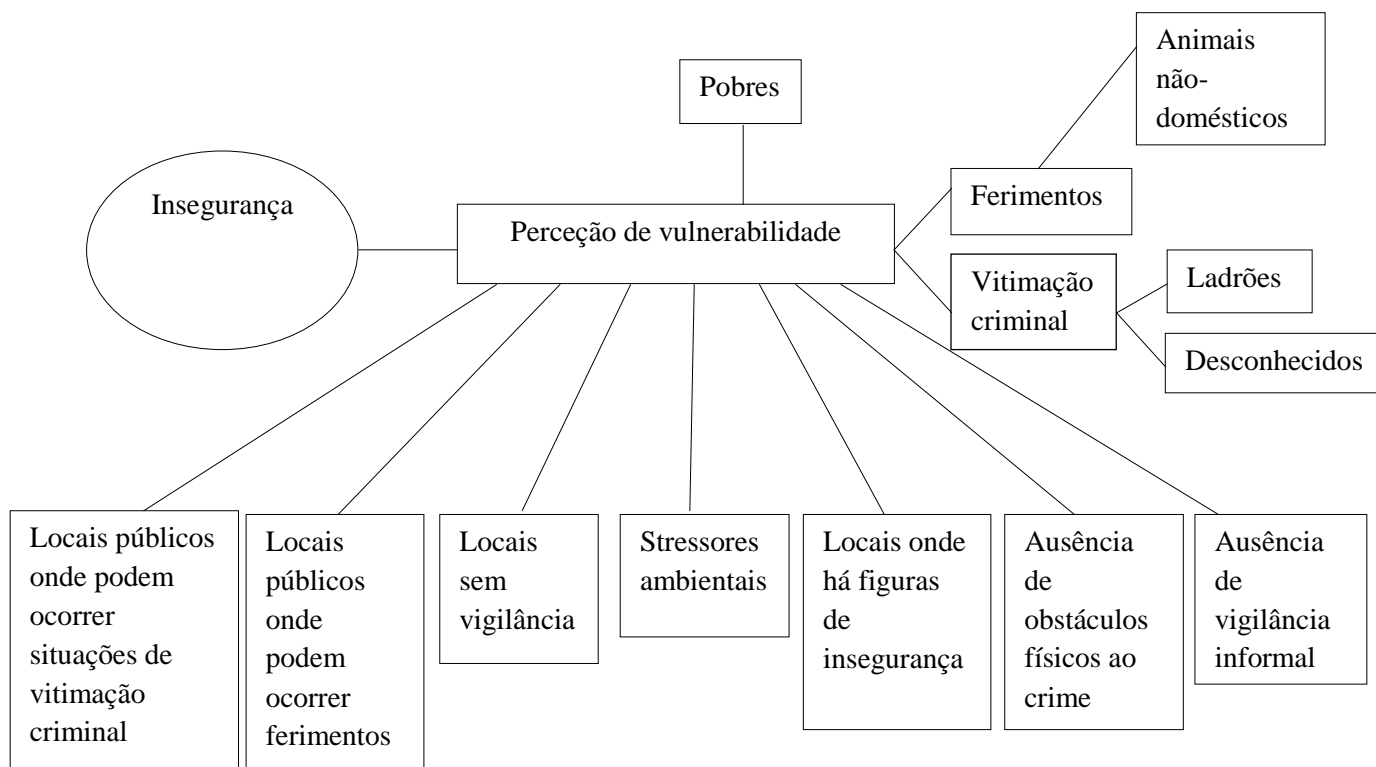


Figura 2. Esquema temático final relativo à insegurança

Para as crianças que participaram neste estudo a insegurança diz respeito à percepção de vulnerabilidade, quer em termos de vitimação criminal (sobretudo roubos e raptos, perpetrados por ladrões e desconhecidos), quer em termos de ferimentos (e.g., danos físicos originados por cães não-domésticos, por situações de afogamento ou de atropelamento). Esta percepção de vulnerabilidade surge associada a contextos considerados inseguros tanto em termos de vitimação criminal como de ferimentos. Tais contextos são assim percecionados, quer pela presença de figuras de insegurança (como as crianças consideram acontecer nos campos e na floresta), quer pela ausência de vigilância ou supervisão por parte de pessoas de confiança, sobretudo os pais (como referem acontecer em locais escuros, habitações de grande dimensão e parques infantis).

Esta associação que as crianças estabeleceram entre a noção de insegurança e a percepção de vulnerabilidade vai ao encontro de estudos anteriores (cf. Guedes, 2012). Tais estudos salientam que a insegurança subjetiva diz respeito à percepção dos perigos que os indivíduos elaboram do meio. Além disso, esta percepção de vulnerabilidade ou de risco evidencia a componente cognitiva do sentimento de insegurança, tal como é referido na

literatura especializada (cf. Guedes, 2012). Como defende Dias (2001, p. 24), o sentimento de insegurança deriva da percepção de “inquietação, ameaça, perturbação, angústia e desconfiança” que o indivíduo elabora sobre o meio.

As crianças que participaram no presente estudo associam a percepção de vulnerabilidade, desde logo, a situações de vitimação criminal como o rapto e o roubo. Tal resultado é consistente com os de trabalhos anteriores que revelam que o medo do crime de rapto e de roubo se verifica em crianças a partir dos sete e oito anos de idade (Papalia et al., 2008; Tippey & Burnham, 2009).

No nosso estudo, os ferimentos constituem igualmente uma situação de insegurança para as crianças. Tal é consistente com outros trabalhos que apontam para as lesões corporais como um medo muito frequente ao longo da infância (Papalia et al., 2008).

Os locais escuros e sem vigilância são igualmente considerados pelos/as participantes como inseguros, à semelhança do que é descrito na literatura da área. Estudos anteriores mostram que o medo do escuro e de ficar sozinho/a são medos muito sentidos pelas crianças ao longo de toda a infância (Papalia et al., 2008). Do mesmo modo, também outros estudos sugerem que a ausência de vigilância, nomeadamente policial, contribui para o aumento do sentimento de insegurança (Fernandes, 2004).

As crianças que participaram no presente estudo também associaram à insegurança as situações relacionadas com stressores ambientais, como os ruídos da vizinhança e o acontecimento de um terramoto. Mais uma vez, tal dado é congruente com os de outros estudos, que documentam os ruídos altos como uma frequente causa de medo nas crianças, embora de idades inferiores às das da nossa amostra (até aos quatro anos) (Papalia et al., 2008). Esta associação, demonstrada pelos/as participantes do presente estudo, entre o sentimento de insegurança e certas condições naturais contrariam os dados veiculados por Lagrange (1995). Em concreto, este autor considera que o medo à cidade deriva do afastamento do indivíduo em relação à natureza deixando assim de se preocupar com as doenças e os desastres naturais, passando a focar-se nos perigos urbanos.

A percepção de vulnerabilidade e perigo que as crianças da nossa amostra associam a locais onde há figuras de insegurança vai ao encontro de dados de outros trabalhos. Papalia et al. (2008) salientam que o medo de pessoas más é frequente em crianças a partir dos cinco anos de idade.

A ausência de obstáculos físicos ao crime constitui uma situação igualmente percebida como insegura pelas crianças da nossa amostra, o que mais uma vez é congruente com os dados de outros estudos (Lab, 2013).

No nosso estudo, igualmente percebidas como inseguras foram as situações em que não há vigilância informal. Também a literatura revista e apresentada sugere que as crianças até aos oito anos de idade expressam como um medo muito frequente a separação dos pais (Papalia et al., 2008). A vulnerabilidade física percebida pelo indivíduo constitui igualmente um forte preditor de medo do crime (Lab, 2013), o que consideramos ser constatado na nossa investigação. Em concreto os/as participantes, sendo crianças e também mais vulneráveis fisicamente face a indivíduos adultos e transgressores, percebem a sua desvantagem física, o que aumenta a sua perceção de risco. Desta forma, a presença de vigilância informal realizada por pessoas de confiança, sobretudo os pais, diminui esta perceção de risco e consequentemente o sentimento de insegurança.

No que se refere às figuras de insegurança, os/as participantes identificaram sobretudo os ladrões, o que é congruente com os dados veiculados por Fernandes e Rêgo (2011). Fizeram também referência aos desconhecidos, medo que não é descrito como frequente nas crianças entre os sete e os oito anos de idade, mas sim em crianças mais novas, até aos dois anos de idade (Papalia et al., 2008). Os cães não-domésticos constituem igualmente uma figura de medo na perceção dos/as participantes. A este nível, estudos anteriores revelam que o medo de animais é um dos mais frequentes em crianças até aos cinco anos de idade (Papalia et al., 2008).

Um resultado interessante no nosso estudo refere-se à perceção sobre pessoas inseguras. Os/as participantes identificam os pobres como pessoas inseguras na sociedade devido às suas condições de vulnerabilidade económica e social, não os percebendo como figuras de medo, ao contrário do que é documentado noutros trabalhos. Em concreto, Fernandes e Carvalho (2000) indicam que os pobres integram o leque de figuras perigosas, sendo alvo de desconfiança por parte da sociedade. Na nossa perspetiva esta perceção dos/as participantes sugere que o sentimento de insegurança é um objeto de estudo extremamente vago, que diz respeito não apenas ao medo do crime mas também às vulnerabilidades económicas e sociais dos indivíduos, tal como é defendido por outros autores (Fernandes & Rêgo, 2012). Importa ainda notar que, do nosso ponto de vista, este resultado revela a sensibilidade das crianças para estas questões socioeconómicas, o que pode sugerir que a

sociedade está a evoluir relativamente a certos preconceitos. A este nível é ainda de realçar que os/as participantes não fizeram qualquer associação entre etnias e sentimento de insegurança (inclusive quando confrontados/as com imagens de um casal chinês e de pessoas da comunidade cigana). Tal resultado não vai ao encontro dos dados de outros estudos que documentam um maior sentimento de insegurança perante a presença de etnias na sociedade (Fernandes, 2004; Machado & Manita, 2001).

Por tudo o que foi exposto, consideramos que a presente dissertação contribui para uma melhor compreensão sobre o sentimento de insegurança nas crianças. Com este estudo foi possível explorar um tema ainda pouco trabalhado, dando voz às crianças, de modo a conhecer as suas perspetivas sobre o fenómeno em estudo.

### **Principais limitações do estudo e pistas para futuras investigações**

Não obstante os contributos da presente investigação, reconhecemos-lhe também algumas limitações que importam explicitar, assim como alguns obstáculos que tivemos de ultrapassar.

Desde logo, é de realçar que um obstáculo central à presente investigação se prendeu com o facto de não se terem encontrado estudos sobre o sentimento de insegurança na infância. Outro obstáculo relevante relacionou-se com as dificuldades experienciadas no acesso a um grupo de crianças com idades compreendidas entre os sete e os oito anos, nomeadamente pela necessidade de consentimento e autorização por parte dos seus responsáveis legais.

Em termos de limitações do estudo importa destacar, desde logo, as que dizem respeito ao modo como foram conduzidos os dois grupos de discussão. Em concreto, consideramos que no seu decurso deveríamos ter explorado mais aprofundadamente determinados resultados que iam surgindo (e.g., sobre figuras de insegurança e segurança, sobre medidas de segurança).

Outra limitação central prende-se com o reduzido tamanho da nossa amostra e com o facto de esta não ser representativa, o que impossibilita a generalização dos resultados.

Assim sendo, consideramos pertinente que estudos futuros procurem verificar se os dados obtidos na presente investigação são generalizáveis à população de crianças

portuguesas entre os sete e os oito anos de idade. Outra pista que nos parece importante explorar em estudos futuros diz respeito às características sociodemográficas das crianças. De facto, a revisão da literatura especializada permite constatar que fatores como o género, a idade e a posição geográfica do indivíduo têm sido associados ao medo do crime (Lab, 2013).

Por fim, consideramos que dada a escassez de produção científica em torno do objeto de estudo desta investigação é importante continuar a estudá-lo em trabalhos futuros.

## Referências bibliográficas

- Agra, C. (2007). Podemos medir a criminalidade e a segurança? Inovação, poder e desenvolvimento: Congresso de Cidadania, 227-234.
- Agra, C. & Kuhn, A. (2010). *Somos todos criminosos*. Porto: Casa das letras.
- Atkinson, R., Atkinson, R. C., Smith, E., Bem, D. & Nolen-Hoeksema, S. (2002). Introdução à psicologia de Hilgard. São Paulo: Artmed.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi: org/10.1191/1478088706qp063oa
- Burnham, J. & Gullone, E. (1997). The Fear Survey Schedule for Children-II: Psychometric investigation with American data. *Behavioral Research and Therapy*, vol. 35, 2, 167-173. doi:10.1016/S0005-7967(96)00089-7
- Campos, J. (s.d). O sentimento de insegurança na cidade do Rio de Janeiro: as percepções e a mudança na rotina de vida. Universidade Federal Fluminense. Retirado de [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/foruns\\_de\\_pesquisa/trabalhos/FP%2009/joice%20campos.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2009/joice%20campos.pdf)
- Damásio, A. (2011). *Emoções e sentimentos. O erro de descartes*. Lisboa, Portugal: Temas e debates.
- Damásio, A. (2013). *O sentimento de si. Corpo, emoção e consciência*. Lisboa, Portugal: Temas e Debates.
- Dias, M. (2001). *Liberdade, Cidadania e Segurança*. Coimbra, Portugal: Almedina.
- França, A. (2010). O estado e a Manipulação do Medo: Crianças e Menores no contexto da polícia da cidade do Rio de Janeiro. *Revista Internacional da História Política e Cultura Jurídica*, vol.2, 5, 117-139. Retirado de <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v2n5a62010.pdf>
- Fernandes, Luís. (2004). Bases ecossociais do sentimento de insegurança. *Educação, Sociedade & Culturas*, 21, 93-112. Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14472/2/35201.pdf>

Fernandes, Luís. & Carvalho, M. (2000). Problemas no estudo etnográfico de objectos fluidos: os casos do sentimento de insegurança e da exclusão social. *Educação, Sociedade e Culturas*, 14, 59-87. Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6881/2/34781.pdf>

Fernandes, L. & Rêgo, X. (2011). Por onde anda o sentimento de insegurança? Problematizações sociais e científicas do medo à cidade. *Etnografia*, 15 (1), 167-181. Retirado de [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65612011000100009&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612011000100009&nrm=iso&tlng=pt)

Ferreira, J., Amorim, F., Patrício, C., Santos, L. & Venâncio, R. (2007). Emoções morais: estudo comparativo com crianças dos 5 aos 12 anos. In P. Santos (Ed.), *Temas Cadentes em Psicologia do Desenvolvimento* (435-448). Lisboa, Portugal: Climepsi.

Gao, Y., Raine, A., Venables, P., Dawson, M. & Mednick, S. (2010). Association of poor children fear conditioning and adult crime. *Am J Psychiatry*, 167, 56-60. Retirado de <http://ajp.psychiatryonline.org/data/Journals/AJP/1816/appi.ajp.2009.09040499.pdf>

Guedes, I. (2012). Sentimento de insegurança, personalidade e emoções disposicionais que relações? (Tese de mestrado). Retirado de Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Guedes, I., Cardoso, Carla & Agra, C. (2012). Medo do crime. Revisão conceptual e metodológica. In C. Agra *A criminologia: Um Arquipélago Interdisciplinar*. U. Porto Editorial.

Jesuíno, Pereira & Joyce-Moniz (1979). *Desenvolvimento psicológico da criança*. Psicologia e Pedagogia, Vol.2, Lisboa: Moraes.

Lab, Steven. (2013). *Crime prevention: Approaches, practices and evaluations*. USA. Elsevier.

Lagrange, H. (1995). *La civilité à l'épreuve: crime et sentiment d'insecurité*, Paris: Puf.

Lourenço, N. (2010). Cidades e sentimento de insegurança: violência urbana ou insegurança urbana?. In Júnior, E. Silva, J. & Maron, J. (Eds.). *Um Toque de Qualidade. Eficiência e Qualidade na Gestão da Defesa Social*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Defesa Social, 15-39. Retirado de <http://www.fd.unl.pt/Anexos/3841.pdf>

Machado, C. (2004). Crime e insegurança. Discursos do medo, imagens do outro. Lisboa: Editorial Notícias.

Machado, C. & Manita, C. (2001). “Eles” e “Nós”: O discurso direto sobre as figuras do crime. *Olhares Seguros*, vol.3, 1, p.8-9. Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56250/2/17881.pdf>

Martins, H. (2004). Metodologia qualitativa e pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v.30, 2, 289-300. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

Mathieu, Jean-Luc. (1995). *L'Insécurité*. Paris: Puf.

Neves, J. (1996). Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, vol.1, 3, 1-5. Retirado de [http://www.dcoms.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_qualitativa\\_caracteristicas\\_usos\\_e\\_possibilidades.pdf](http://www.dcoms.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf)

Oliveira, M. & Freitas, H. (1998). *Focusgroup* - pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. *Revista de Administração*, vol. 33, 3, 83-91. Retirado de [http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/1998/1998\\_069\\_RAUSP.pdf](http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/1998/1998_069_RAUSP.pdf)

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2008). Desenvolvimento Psicossocial na segunda infância. O mundo da criança- da infância à adolescência (321-322). São Paulo, Brasil: McGraw-Hill Interamericana do Brasil.

Rego, X., Fernandes, L. (2012). As Falas do Medo. Convergências entre as cidades do Porto e Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 27, 78, 51-190. Retirado de [http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs\\_pesquisa.FormView?P\\_ID=79512](http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.FormView?P_ID=79512)

Roazzi, A., Federicci, F. & Carvalho, M. (2002). A questão de consenso nas representações sociais: um estudo do medo entre adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.18, 2, 179-192. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a08v18n2.pdf>

Roché, S. (1994). *Insecurité et liberté*, Paris: Puf.

Sampaio, F., Martins, A. & Oliveira, T. (2007). Medos normais de crianças em contexto hospitalar segundo o Fear Survey Schedule for Children - Revised, FSSC-R. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 4, 252-263. Retirado de <http://ufpbdigital.ufpb.pt/dspace/bitstream/10284/451/1/252-263FCHS04-17.pdf>

Tippey, J. & Burnham, J. (2009). Examining the fears of Gifted children. *Jornal for the education of the Gifted*, vol 32, 3, 321-339. Retirado de <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ835863.pdf>

Wirth, L. (2001). O urbanismo como modo de vida. In C. Fortuna (Org.) *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Socialização*. Portugal: Celta.

## Anexos

## Anexo 1: Declaração de consentimento informado

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_, aceito que o/a meu/minha tutelado/a \_\_\_\_\_ (nome e grau de parentesco) participe na investigação sobre a construção dos sentimentos de insegurança em crianças de idade escolar, a ser realizada pela aluna Sara Patrícia Reis Jorge no âmbito do Mestrado em Psicologia da Justiça do Instituto Superior da Maia.

Compreendo que a sua participação é inteiramente voluntária e que pode desistir a qualquer momento, sem que para isso tenha que dar qualquer explicação ou que haja qualquer consequência.

Foram-me explicados os seguintes pontos:

- O objetivo central da investigação é explorar quais os sentimentos de insegurança de crianças em idade escolar e compreender de que modo estas os constroem. Em termos de objetos específicos, procura-se explorar e compreender quais as figuras de medo para as crianças, quais os contextos e situações associadas a um maior sentimento de insegurança, e que medidas consideram apropriadas para lidar com este fenómeno.

- Os dados serão recolhidos através de grupos de discussão, conduzidos com um máximo de 6 crianças (entre os 7 e os 8 anos) e moderados pela investigadora. Ao longo da discussão a moderadora irá colocar questões e propor atividades ao grupo, privilegiando-se a partilha de opiniões em grupo.

- Todos/as os/as participantes podem, em qualquer altura, recusar a abordagem de determinado assunto, sem que daí advenham quaisquer prejuízos para o próprio.

- Toda a informação recolhida será tratada de forma confidencial. Somente a investigadora e a orientadora, Prof. Doutora Olga Souza Cruz, terão acesso aos dados. Na publicação de eventuais trabalhos de carácter científico o anonimato de todos/as os/as participantes será protegida.

Por compreender o que esta investigação envolve e por a autorizar, de modo informado e voluntário, assino a presente declaração de consentimento informado, ficando na posse de uma cópia da mesma.

Data \_\_/\_\_/\_\_

O tutor legal,

A investigadora,

\_\_\_\_\_

## Anexo 2: Guião de entrevista *focus group*

## **Guião de entrevista *Focus Group***

### **Antes de iniciar a sessão**

Olá, eu sou a Sara e agradeço por estarem aqui presentes. Estamos aqui reunidos para falarmos sobre a questão da segurança e insegurança. Quero saber o que vocês acham sobre este assunto. Vou fazer algumas perguntas e propor-vos atividades em grupo. Não existem respostas certas nem erradas, apenas quero que digam o que pensam.

Antes de começarmos queria dizer-vos que esta conversa vai ser gravada, caso contrário é difícil para mim lembrar-me de tudo o que foi dito. Por favor não falem ao mesmo tempo porque depois vai ser muito complicado compreender a gravação. Muitas vezes ficamos entusiasmados e acabamos por interromper os outros, mas peço-vos para por o dedo no ar sempre que quiserem falar.

### **1.Sessão de abertura**

Dinâmica de quebra-gelo

Antes de começarmos gostaria que me falassem um pouco sobre vocês. “Que idades têm?”, “Qual a vossa cor preferida?” e “Onde moram?”

### **2.Início da Sessão**

Apresentação de uma questão

Gostaria de saber o que significa para vocês segurança? E insegurança.

### **3. Jogo das caixas**

Agora tenho aqui duas caixas. Uma diz respeito à segurança e a outra à insegurança. Vou apresentar-vos imagens e quero que me digam se coloco na caixa da segurança ou se coloco na caixa da insegurança. Mas antes de me dizerem em que caixa coloco a imagem, digam-me o que vêem nela.

-“O que vêem nesta imagem?”

-“Em que caixa coloco?”

(imagens de manifestações; habitação degradada; grafitis; lixo nas ruas; pouca iluminação nas ruas; transportes públicos; prisões; parque infantil; escola; centro de uma cidade; praia)

#### **4.” Vamos pôr a cidade segura”**

Agora temos aqui alguns elementos que fazem parte desta cidade. Quero que façam com que esta cidade fique segura. Mas primeiro digam o que vêem em cada imagem.

-“O que vêem nesta imagem?”

-“Tiravam algum elemento desta cidade?” “Se sim, Qual?”

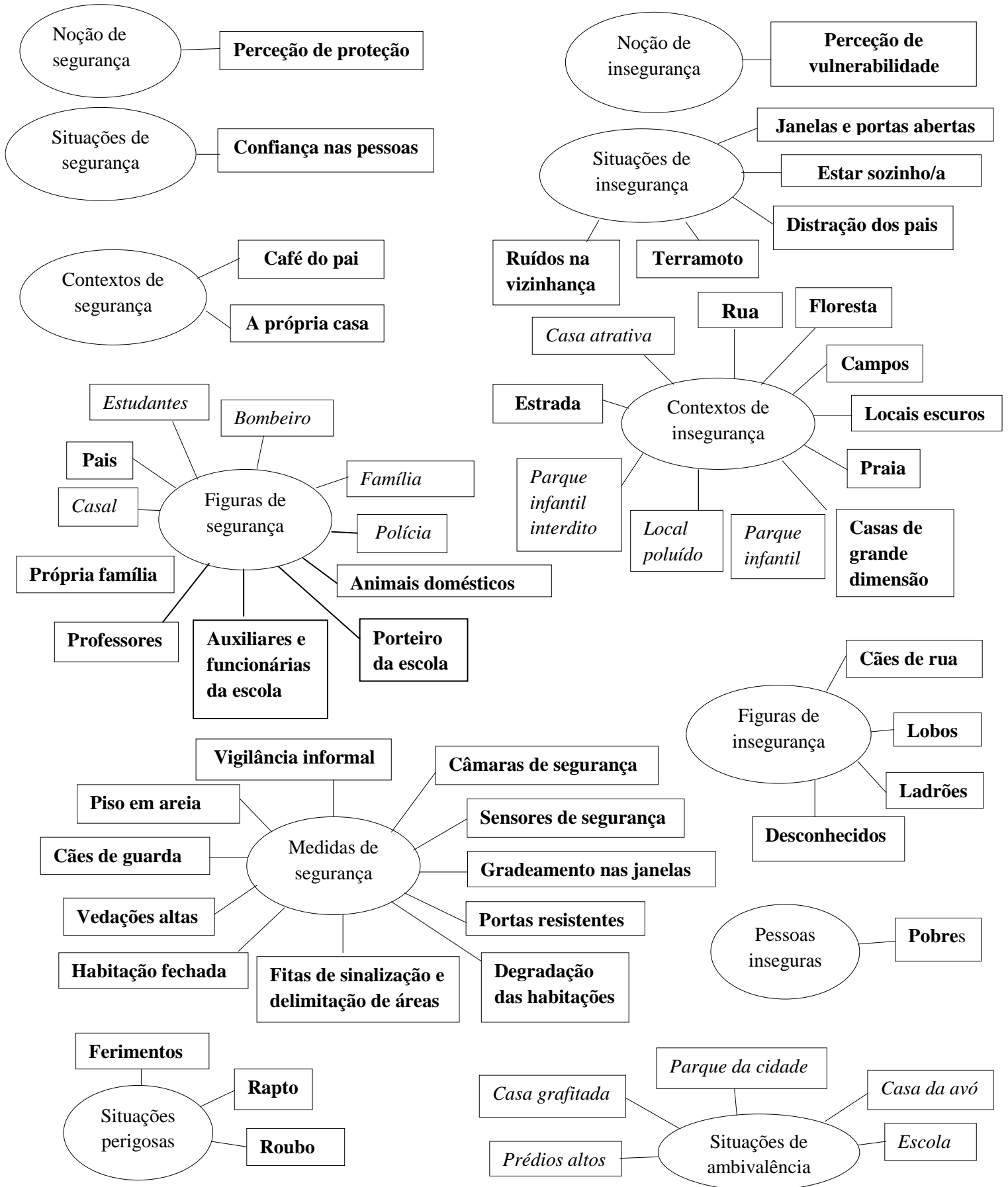
(mendigo; arrumador de carros; cigano; africano; toxicodependente; grupo de jovens; crianças; policia; família; escola; hospital; habitações; redes de iluminação; jardim; animais)

#### **5. Finalização**

Como estamos a terminar, quero agradecer-vos muito a participação de todos neste projeto. Agradeço muito a vossa colaboração!

## Anexo 3: Fases do desenvolvimento do esquema temático

Figura 1. Esquema temático inicial



Nota. As expressões a negrito correspondem aos dados referidos espontaneamente pelas crianças. As expressões apresentadas em itálico correspondem aos dados obtidos com as crianças quando questionadas sobre os mesmos.

Figura 2. Desenvolvimento do esquema temático

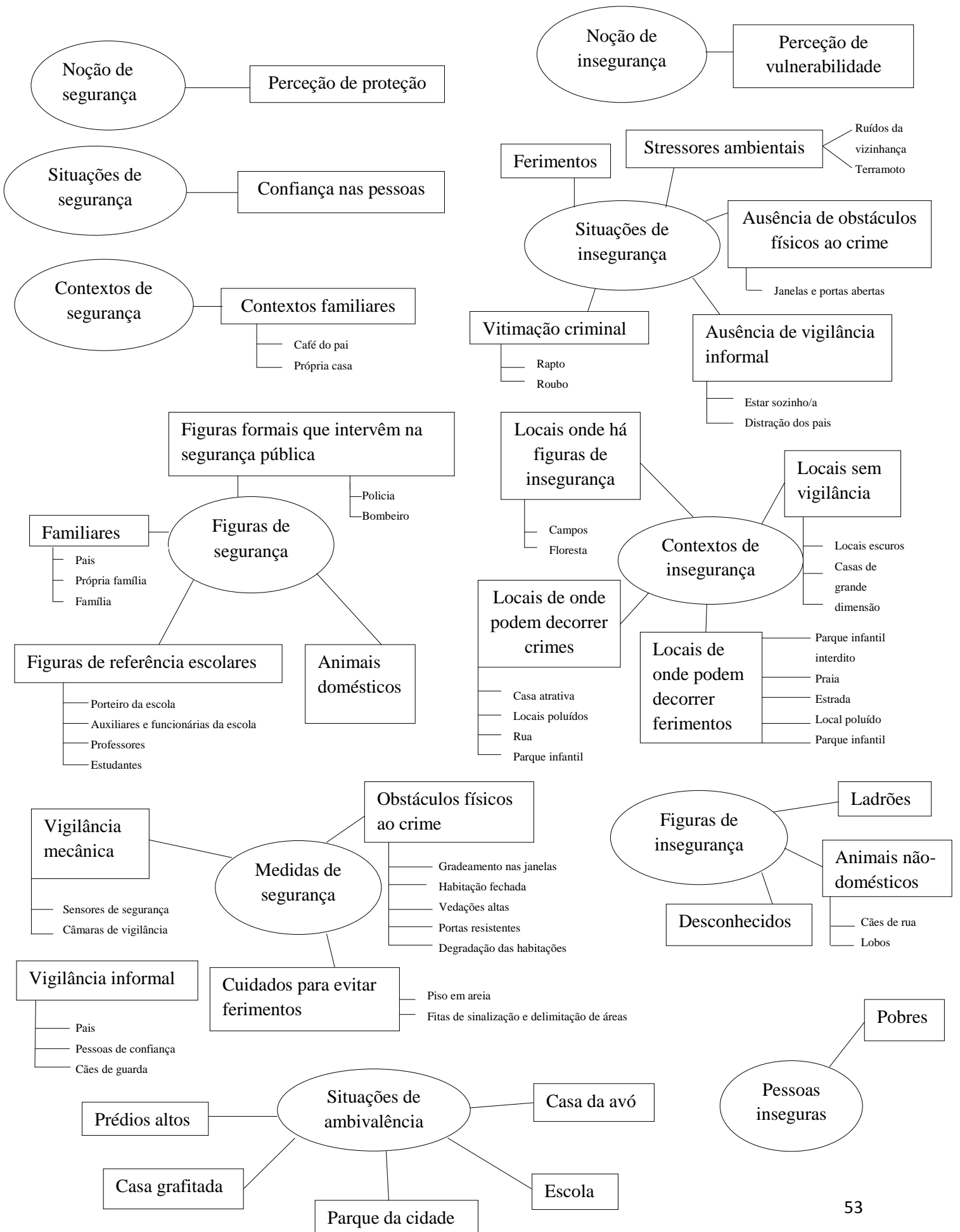


Figura 3. Desenvolvimento do esquema temático

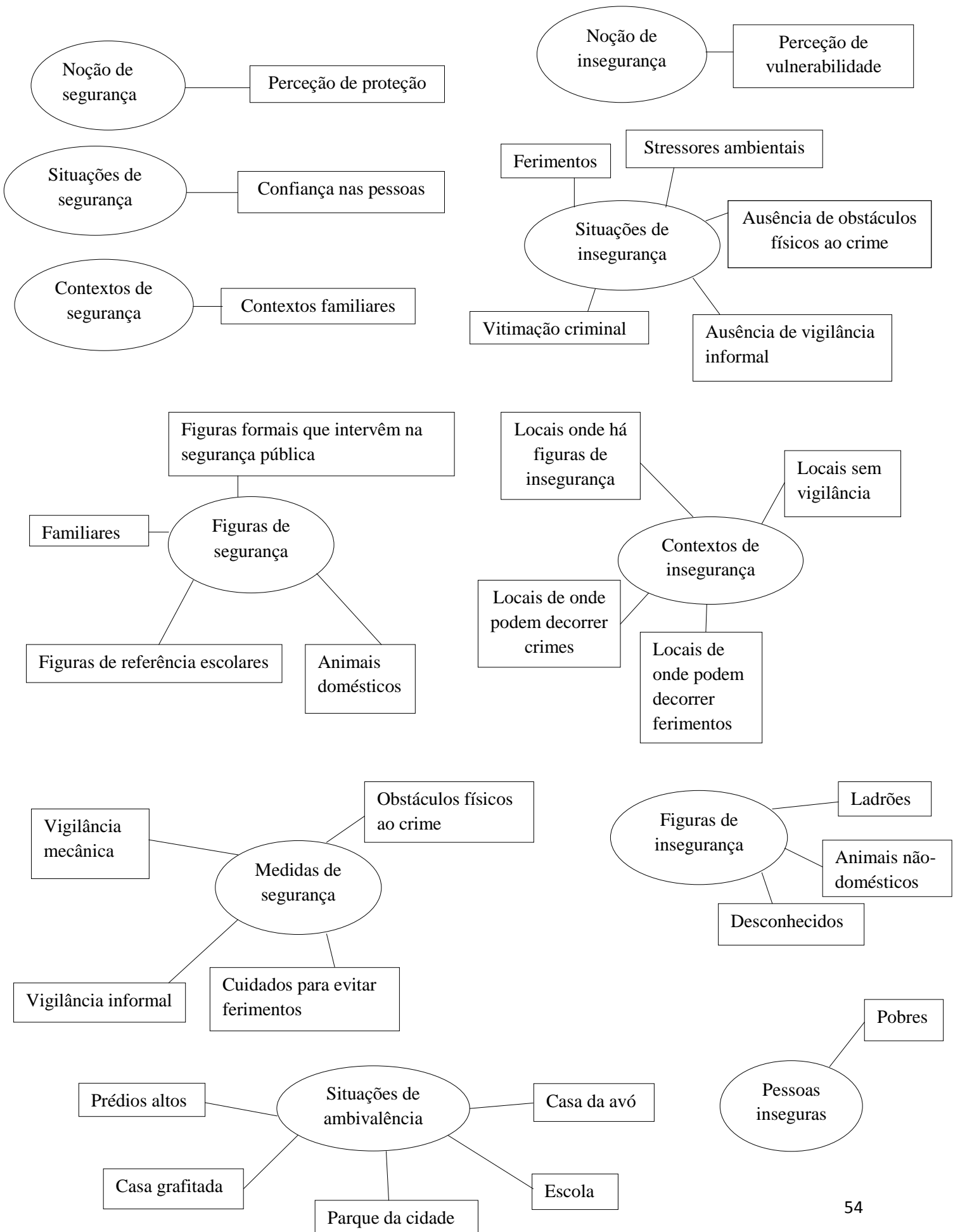
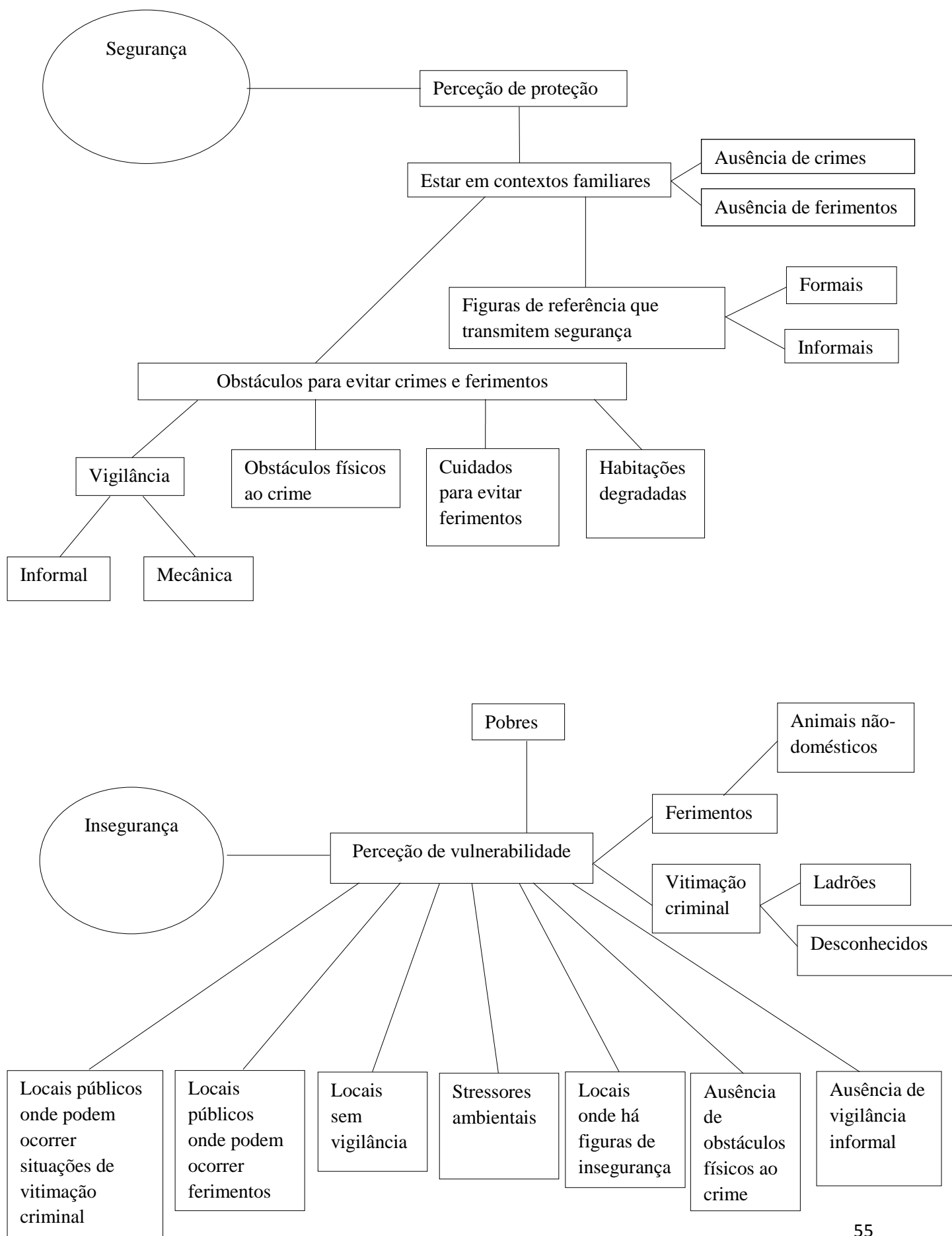


Figura 4. Esquema temático final



Anexo 4: Imagens apresentadas para questionamento  
nos dois grupos de discussão

Contextos apresentados



Figuras apresentadas



Anexo 5: “Cidade segura” elaborada pelos dois grupos  
de discussão

“Cidade segura” elaborada pelo grupo 1



“Cidade segura” elaborada pelo grupo 2

